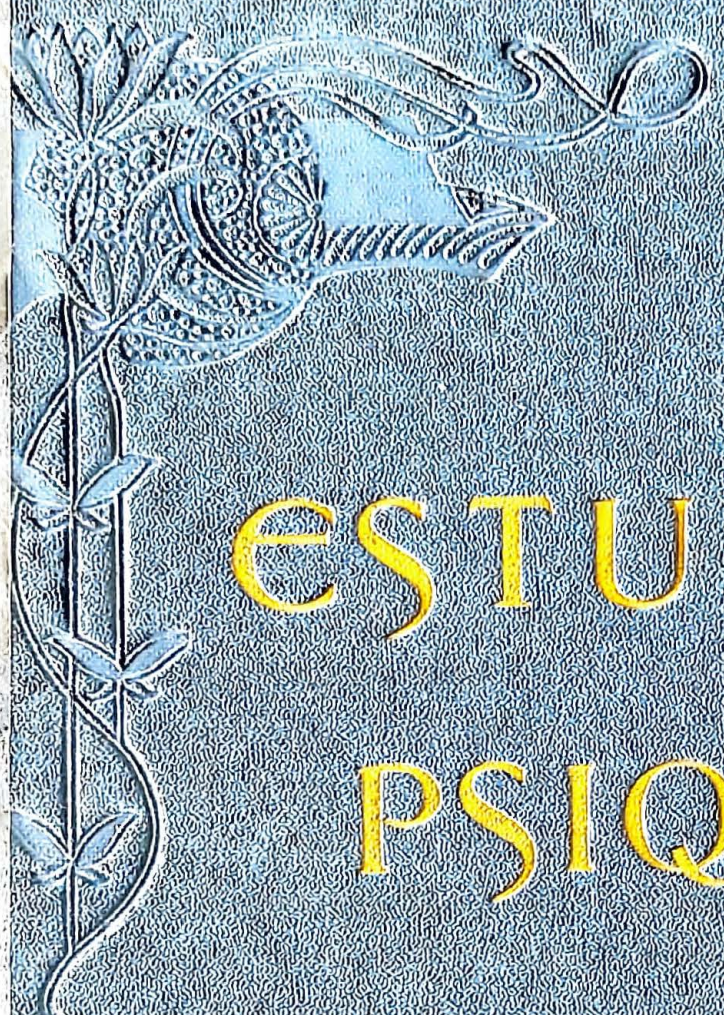




ESTUDOS PSIQUICOS

Vol. I

1939-41



Ao 3^{ra} Senhor Coronel Faure de Rose,
 amigo e colaborador fiel de "Estudos Psíquicos",
 e velho camarada de guerra espírita, .

este singela oferenda de minha
 grande estima

Lisboa, 27 de Set. 1941

Osvaldo Cruz Faure

ESTUDOS PSÍQUICOS

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿ Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿ Já pensaste?... ¿ E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo o que fizeres, redundará em teu próprio benefício.

ESTUDOS PSÍQUICOS

(PUBLICAÇÃO BIMESTRAL)

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroísmo, do Centro Espirita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º D. = = = = = LISBOA

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida toda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

Em França	Dr. Gabriel Gobron
No Rio de Janeiro	Dr. Carlos Imbassahy
Em Buenos Aires	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuição gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	{	Continente e Ilhas	15\$00
		Colónias	20\$00
ESTRANGEIRO	{	Espanha	15\$00
		Brasil	20\$00
		Outros países	25\$00

Representante do Centro e da Revista no Rio de Janeiro:

Henrique Magalhães — Avenida Passos, 30, 1.º

A ASSINATURA É ANUAL E PAGA ADIANTADAMENTE

Estudos Psíquicos

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

1.º VOLUME

1939 a 1941

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

ÍNDICE DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO PRESENTE VOLUME

N.º 1

Nota preambular, pelo Director.....	1
Notas & Comentários, por I. D. S.	3
A Alma humana pelo Dr. A. Lôbo Vilela	5
Alguns aspectos da evolução, pelo Dr. António J. Freire.....	8
Livre arbítrio e determinismo, pelo Dr. José Gaita	13
Fenomenologia metapsíquica, pelo Dr. Rodrigo Sanz	15
Bibliografia, por I. D. S.....	19
Comunicações supranormais, pelo coronel Faure da Rosa.....	20
Por esse mundo...	23
Espiritismo experimental, pelo Dr. Pedro Dias de Sousa	24
As manifestações da consciência, pelo Dr. Alexis Carrel	26
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	27
¿O Espiritismo merece condenação?, pelo Dr. A. Pratas	29
Figuras que partem — Desencarnou o Dr. Rodrigo Sanz	31
Noticiário	32

N.º 2

Noite de Natal, pelo Dr. José Gaita.....	33
Sobre a existência de Deus, pelo Dr. A. Lôbo Vilela	36
Por esse mundo..., por I. D. S.....	40
Organização e funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares, pelo Dr. Pedro Dias de Sousa	41
Novos Rumos, palestra de Isidoro Duarte Santos no acto inaugural dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor.....	44
Fenómenos metapsíquicos (II), pelo Dr. Rodrigo Sanz	47
Balzac e os fenómenos supranormais, pelo coronel Faure da Rosa.....	50
Notas & Comentários, por I. D. S.....	53
Bibliografia, por I. D. S.....	54

Pág.

O sofrimento e a evolução, por Eduardo da Silva Tavares	5
Perseverança, por António Xavier.....	5
Os factos entre nós — Caso inesperado de fotografia espirita — Fenómeno de visão a distância	5
O verdadeiro sentido da vida, por M. Tavares	57
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	58
Inauguração dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor	61
Por esse mundo...	62
Noticiário	63

N.º 3

Aos irmãos do Brasil, por Isidoro Duarte Santos	65
Princípios doutrinários do Espiritismo, pelo Dr. Gustave Geley.....	69
O mistério das cruzes indianas, pelo Dr. Gabriel Gobron	70
Classificação dos fenómenos supranormais, pelo Dr. Lôbo Vilela.....	73
Alguns aspectos da crise da morte e o mundo astral, pelo Dr. António J. Freire.....	77
Balzac e os fenómenos supranormais (I), pelo coronel Faure da Rosa	81
O valor da prece e a eficácia da concentração, pelo Dr. Pedro Dias de Sousa.....	84
¿Mortos ou vivos?, por Manuel Tavares.....	87
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	88
Por esse mundo..., por I. D. S.....	91
Notas & Comentários, por I. D. S.	92
Reunião de confraternização, por Estêvão Rodrigues	93
Noticiário	94

N.º 4

O Espiritismo a ratos..., pelo coronel Faure da Rosa	97
A luta do astral contra as falsas notícias, pelo	

	Pág.
<i>Dr. Lucien-Graux</i>	102
Manifestações espiritas, pelo <i>Dr. Lôbo Vilela</i>	104
Fenomenologia metapsíquica (IIII), pelo <i>Dr. Rodrigo Sanz</i>	107
Homenagem do Centro E. Luz e Amor ao Mestre Allan Kardec	110
O espírito de Garrett fala acerca dos dois mundos... ..	111
Notas & Comentários, por <i>I. D. S.</i>	113
A bem dos homens, por <i>Pedro Cardia</i>	114
Potencialidade amorosa, por <i>Ernesto Pérez Méndez</i>	115
Crônica estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	117
Perispírito, por <i>Manuel Tavares</i>	121
«Estudos Psíquicos» e a imprensa	122
Subscrição pró-Sede	124
Por esse mundo..., por <i>I. D. S.</i>	125
Bibliografia, por <i>F. R.</i>	127
Noticiário	128

N.º 5

As provas doutrinárias da imortalidade, pelo <i>Dr. Lôbo Vilela</i>	129
Princípios doutrinários do Espiritismo, pelo <i>Dr. Gustave Geley</i>	130
Crônica, pelo <i>Dr. Carlos Imbassahy</i>	131
Embustosofia, pelo coronel <i>Faure da Rosa</i>	133
O Espiritismo e a Igreja Anglicana, por <i>Ernest W. Oaten</i>	136
Passoio a Cabo Ruivo	141
Notas & Comentários, por <i>I. D. S.</i>	142
Fenomenologia metapsíquica (IV), pelo <i>Dr. Rodrigo Sanz</i>	144
Crônica estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	147
Bibliografia, por <i>F. R. e S. E. M.</i>	152
Por esse mundo..., por <i>I. D. S.</i>	153
Dos médiuns, pelo <i>Dr. Pedro Dias de Sousa</i>	156
Vocabulário de Metapsíquica (I), pelo <i>Dr. A. Lôbo Vilela</i>	156
A evolução e o pensamento criador, por <i>Servat</i>	158
Noticiário	159

N.º 6

A falência do materialismo (I), por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	161
Mais academias..., por <i>Leopoldo Machado</i>	167
O surdo de nascença, pelo <i>Dr. Santiago Argüello</i>	168
Infantilismo psíquico, pelo coronel <i>Faure da Rosa</i>	169
Notas & Comentários, por <i>I. D. S.</i>	172
Luzeiros, por <i>Ernesto Pérez Méndez</i>	174
A guerra, pelo coronel <i>J. A. Costa</i>	176
Crônica estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	177
Gabriel Gobron	179
Passoio à mata da Caparica	180
Falam os sábios	181
Por esse mundo... ..	182
Os factos entre nós — Um caso excepcional	183

	Pág.
Bibliografia, por <i>S. E. M. e F. R.</i>	186
Vocabulário de Metapsíquica (II), pelo <i>Dr. A. Lôbo Vilela</i>	188
Noticiário	191

N.º 7

A falência do materialismo (II), por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	193
Desencarnou Oliver Lodge	198
Milagres, pelo coronel <i>Faure da Rosa</i>	199
Espiritofobia protestante (I), pelo <i>Dr. Sebastião Elviro Martins</i>	202
Por esse mundo..., por <i>I. D. S.</i>	205
Defesa do valor humano na realidade espirita, pelo <i>Dr. Luís M. di Cristóforo</i>	206
O mundo está ficando louco, por <i>Leopoldo Machado</i>	208
Como eu compreendo a solidariedade, por <i>Dinah Santos Lima</i>	209
Um alto teorema, pelo <i>Dr. Rodrigo Sanz</i>	212
Campanhas sociais do Espiritismo no Brasil, por <i>Ismael Gomes Braga</i>	214
Seara evangélica — A Caridade, pelo <i>Dr. José Gaita</i>	216
Por esse mundo..., por <i>I. D. S.</i>	217
Crônica estrangeira, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	218
Bibliografia, por <i>S. E. M.</i>	220
Notas & Comentários, por <i>I. D. S.</i>	222
Noticiário	223

N.º 8

Aniversários, por <i>Isidoro Duarte Santos</i>	225
O facto espirita, pelo coronel <i>Faure da Rosa</i>	228
Um ano, por <i>Manuel Tavares</i>	230
Espiritofobia protestante (II), pelo <i>Dr. Sebastião Elviro Martins</i>	231
Recordando, por <i>Maria Velêda</i>	235
Confissão, pelo <i>Dr. Alfredo Mota</i>	237
Considerações sobre o perispírito, pelo <i>Dr. A. Dias Pratas</i>	238
Do alto — O nosso aniversário, por <i>Reper-Siam</i>	241
Louvado seja Deus, pelo <i>Dr. Sá Mesquita</i>	242
Novo ano, pelo Centro Espirita «Luz»	242
Toque de clarim, por <i>Vendrell i Mercadal</i>	243
Outra vez na terra, por <i>Emília Pomar de Sousa Machado</i>	245
A propósito de um aniversário, pelo coronel <i>Faure da Rosa</i>	246
Centro E. Luz e Amor, pelo <i>Dr. António J. Freire</i>	246
Seara evangélica, por <i>Henrique Magalhães</i>	247
Um ano de propaganda	249
Jornada vitoriosa, pelo <i>Dr. Pedro Dias de Sousa</i>	252
Mensagem mediúnica de «Emmanuel», por <i>Ismael Gomes Braga</i>	253
Caminho errado	254
<i>Dr. António Lôbo Vilela</i>	254
Vencer!, pelo <i>Dr. José Gaita</i>	255
Caridade, protecção e luz, pelo Grupo Espirita de Faro	257

Os factos entre nós, por J. Vendrell i Mercadal	258
Obra meritória, por Otilio da Silva Reis	259
Notas & Comentários, por I. D. S.	260
Esperança, por Ernesto Pérez Méndez	261
Filosofia espirita, pelo Dr. Rodrigo Sanz	262
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	264
Efemérides do Centro E. Luz e Amor	267
Alguns aspectos do mundo astral	268
Por esse mundo..., por I. D. S.	269
Bibliografia, pelo Dr. Sebastião E. Martins	270
Auxílio aos necessitados	271
Noticiário	272

N.º 9

A falência do materialismo (III), por Isidoro Duarte Santos	273
Confissão (II), pelo Dr. Alfredo Mota	278
Espiritofobia protestante (III), pelo Dr. Sebastião E. Martins	279
O facto espirita (II), pelo coronel Faure da Rosa	283
Vergonha científica, por J. Vendrell i Mercadal	286
Efemérides do Centro E. Luz e Amor	289
Como eu compreendo a solidariedade, por Dinah Santos Lima	290
O juiz e o Espiritismo, por H. Magalhães	294
Esperança e fé, por L. F. Lôbo de Aguiar	295
Notas & Comentários, por I. D. S.	296
Os factos entre nós, por J. Vendrell i Mercadal	298
Incoerências, por F. de Oliveira	299
Bibliografia, por I. D. S.	300
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	301
Noticiário	303

N.º 10

O éter cósmico, pelo Dr. António J. Freire	305
As invenções dos homens, pelo coronel Faure da Rosa	309
Espiritofobia protestante (IV), pelo Dr. Sebastião E. Martins	312
Allan Kardec, homem de génio e de coragem, por I. D. S.	316
Aléxis Carrel, pelo Dr. António J. Freire	318
Os factos entre nós — Curas obtidas no Grupo Espirita de Aveiro	320
Ecos da imprensa espirita, por I. D. S.	322
Promete a ti mesmo, por Prometheus	323
Velhos paladinos — Dr. Amélia Cardia, por I. D. S.	324

Pag.

O mundo dos fluidos, por Manuel Tavares ...	325
A doutrina espirita, pelo Dr. Gustave Geley	326
Notas & Comentários, por I. D. S.	327
Confissão (III), pelo Dr. Alfredo Mota	328
Bibliografia, pelo Dr. Sebastião E. Martins	329
Por esse mundo..., por I. D. S.	332
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	333
Noticiário	335

N.º 11

O subconsciente e o automatismo psicológico, pelo Dr. António J. Freire	337
O problema da morte (I), pelo Dr. Sebastião E. Martins	345
Pela vitória do Espírito (I), pelo Dr. Fred Religiões, pelo coronel Faure da Rosa	348
Ecos da imprensa espirita, por I. D. S.	353
Vingança e perdão, pelo Dr. A. D. Pratas	357
Allan Kardec — Uma vontade, pelo Dr. Luís M. di Cristóforo	358
Reflexões do Além, por H. Magalhães	359
Notas & Comentários, por I. D. S.	360
Bibliografia, por I. D. S. e S. E. M.	361
Carta aos meus colegas médicos, pelo Dr. Alfredo Mota	362
Por esse mundo..., por I. D. S.	363
Crónica estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	364
A nova revelação, por Artur Conan Doyle...	365
Noticiário	366

N.º 12

Mecânica Psíquica, pelo coronel Faure da Rosa	369
Camilo Flammarion — Um Carácter, pelo Dr. Luís M. di Cristóforo	374
O problema da morte (II), pelo Dr. Sebastião Elviro Martins	377
Pea Vitória do Espiritismo (II), pelo Dr. Fred Nem todos os que dizem «Senhor, senhor!», por Henrique Magalhães	380
Notas & Comentários, por I. D. S.	384
Ecos da imprensa espirita, por I. D. S.	385
Confissão (IV), pelo Dr. Alfredo Mota	387
Crónica Estrangeira, por Isidoro Duarte Santos	389
Por esse mundo..., por I. D. S.	390
Bibliografia, pelo D. Sebastião Elviro Martins	393
Noticiário	395

Estudos Psíquicos

pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1939

N.º 1

Nota preambular

EM Dezembro de 1938, dizíamos nós, no último número de *O Mensageiro Espirita*, que dirigíamos e naquela data encerrava a sua terceira fase de existência:

«Não julgueis, leitores amigos, que fugimos do campo em que moureamos, há perto de vinte anos. Vamos abalançar-nos a outros trabalhos e continuaremos a defender a Causa Espirita, com o mesmo ardor, a mesma alegria e a mesma esperança».

Quiseram as circunstâncias indicarnos rumo diferente daquele que levantáramos. Quis a consciência ponderar atitudes e tomar resolução em altura decisiva; e o espírito, que habituado fôra sempre a observar rígidos preceitos, no tocante ao dever cumprido, ou a cumprir, obedeceu e aprestou-se para nova jornada. Que, a-final, a seara era grande e os trabalhadores apontavam-se a dedo, assim rareavam êles na courela que se impunha desbravar, dessepor onde desse. Bem podíamos, então, tomar a peito

empreitada que coubesse em nossas fôrças. E assim foi que viemos para o reduto e cá estamos, mais animosos do que nunca, dispostos ao sacrifício de sempre, que os obstáculos não abalam a fé dos crentes, antes a retemperam, a golpes de renúncia, que é o verdadeiro heroísmo dos humildes.

Cá estamos, prezados leitores, bandeira desfaldada, fronte erguida e peito descoberto, arautos da Boa-Nova que corre mundo, oferecendo à humanidade vastos campos conducentes à salvação.

Vamos estudar e propagar as verdades neo-espiritualistas, no serviço da Causa, na união das almas afins, fazendo convergir, em abalo centrípeto, fôrças dispersas que necessitam de congregar-se em comunhão de pensamento.

Se o título desta revista não fôsse elucidativo, bastariam os nomes que a informam, para que todos ficassem tranquilos, quanto ao caminho a percorrer; porém, muito mais do que uma coisa e outra, os nossos trabalhos futuros darão a medida do que queremos e do que valemos.

Neste sector, far-se-à, claramente, a

defesa do Espiritismo, sem eufemismos de alguma espécie, embora todos os colaboradores tenham a mais ampla liberdade crítica, indo até à controvérsia, sempre que dela resulte benefício para a Doutrina.

As nossas colunas procurarão ser a imagem viva, palpitante, do desejo de progresso que nos anima. Assim, demonstraremos a solidez dos nossos postulados, provando que não receamos apreciações de qualquer natureza, seja qual for a posição científica dos críticos ou dos adversários.

Sem oferecer verdades absolutas, que não tem, visto que assentam na relatividade do conhecimento, esta doutrina impor-se-à, todavia, pelas verdades *de facto*, *de razão* e *de fé*, em que baseia a sua estrutura. *Estudos Psíquicos*, quer por intermédio dos seus diversos colaboradores, quer pela variedade das suas secções, que darão uma idea aproximada do movimento espirita mundial, trabalhará na consecução dêste objectivo: *harmonizar o continente com o conteúdo*. Estudará, não agredirá. Respeitará todas as crenças, e, quando tiver que revidar ataques, fá-lo-à, não esquecendo nunca o respeito que deve a si própria e ao Ideal que representa. Baterá, delicadamente, à porta do leitor, mesmo céptico impenitente, ou materialista de convicção e convidá-los-à a abrir as suas páginas modestas, mas sinceras. Dir-lhes-à, de olhar franco e sorriso prazenteiro

— Leitor amigo: folheia-me, sem aze-dume, nem receio. Há sempre alguma coisa que aprender, além dos conhecimentos que já possuímos. E, se te não interessa a minha leitura, leva-me a um amigo, em vez de me lançar ao fogo. Farás obra meritória e corresponderás à amabilidade com que te procuro.

Estudos Psíquicos defenderá o Espiritismo Dialético, como meio de conduzir o homem à interpretação espiritualista dos factos, enfrentará o materialismo histórico e servirá de barreira às ideas inquietadoras que avassalam o mundo actual.

Aos conceitos negativos, oporá a flo-ração das ideas elevadas, em planos construtivos, facilmente assimiláveis, de maneira que os homens nos entendam e descubram, dentro de cada um, a partícula de Deus que lá habita incógnita, pronta a desentranhar-se em frutos, a accionar o aperfeiçoamento progressivo a que fomos destinados.

Adoptando processos rigorosamente científicos, o Espiritismo chegará às *verdades de facto*. Constituindo-se em filosofia, apresentará *verdades de razão*. Tocando a natureza intuitiva e o sentimento religioso do homem, justificará e imporá as *verdades de fé*.

Provará, desta forma, que é universal e integral.

Facto, fide, ratio, eis a formosa trilogia que escuda a Doutrina Espirita, em constante expansão de anelos; traço de união entre o invisível e o visível, entre o inconsciente e o consciente, síntese psíquica de dois mundos que se interpenetram, em evolução incessante.

Nesta orientação, seguiremos para Deus, pela Ciência e pelo Amor, não esquecendo o carácter humano da Revelação Espirita, vista e apreciada por inteligências limitadas que não podem compreender o Infinito.

Se conseguirmos interessar meia dúzia de estudiosos, se os obrigarmos a encarar o problema de ser e do destino, como resultante de inquietação espiritual ou de anseio renovador, por satisfeitos nos daremos, já que longe de nós está a pretensão de fazer proselitismo.

Medite, pois, o leitor, na doutrina que lhe vamos apresentar. Exemplifique-a, dentro das possibilidades que lhe foram atribuídas no plano da Criação, como parcela do agregado social, e busque a *Verdade* que convier ao seu entendimento, conforme suas aptidões intellectuais e morais. Não pare, não estratifique. Olhe em frente e dinamize a vontade nessa prodigiosa ascensão que a todos impele para o Alto e para Deus. *Estudos Psíquicos* o auxiliará nessa tarefa. *Estudos Psíquicos* o guiará na escolha dos autores e nos métodos de trabalho.

Notas & Comentários

Saüdação

★ O primeiro gesto de «Estudos Psíquicos» é saüdar, carinhosamente, tôda a imprensa espirita portuguesa e estrangeira, envolvendo-a no mesmo abraço fraternal, no mesmo pensamento de amor, no mesmo aesejo de progresso. Não fazemos acepção de pessoas, porque todos os bons obreiros merecem à nossa franca saüdação. E, pois que «Estudos Psíquicos» deseja viver em boa camaradagem com os seus colegas, em obediência à divisa que ostenta ao alto das suas páginas; e porque necessita de muita paz, a-fim-de poder trabalhar proficuamente, em prol da doutrina que encarna e defende, aqui fica exarada a vontade que nos anima de em tudo proceder, de maneira que ninguém tenha de nos apontar consciences falhas, fóra do espírito de quem dirige estas colunas.

¿ Encontraremos a tarefa facilitada ou teremos que lutar, gastando energias preciosas em inglórias pugnas? O tempo o dirá, que é grande mestre e amigo.

«Estudos Psíquicos» vai correr mundo, esperando no bom acolhimento dos leitores. É possível que alguns discordem da sua orientação, entendendo que devia ser mais popular, menos científica e talvez infensa a filosofias, evitando, assim, a maçada do estudo a quem se deixou vencer pelo comodismo hodierno. Sim, é possível que alguns discordem. Mas êsses podem ler a secção «Por êsse mundo», em gotas homeopáticas, em noticias sintéticas, ficando, em dez minutos, ao corrente do movimento espirita mundial. Terão ali uma espécie de jornal falado, semelhante aos que as agências oferecem, através da rádio. Nenhum leitor perderá com a leitura de «Estudos Psíquicos», todos acharão aqui pábulo para o seu entendimento...

«Estudos Psíquicos» cumprimenta todos os espiritas e convida-os a colaborar, sinceramente, na obra comum. Vinde até nós, confrades de boa vontade. Vinde de braços abertos, que os nossos braços cá estão para vos receber, peito com peito, coração com coração.

Esta é a nossa primeira fala, desataviada e simples, palavra franca e sem véu que se dirige à fa-

mília espirita, de que somos os mais humildes componentes.

Congressos espiritas

★ Os jornais espiritas brasileiros jalam na realização dum congresso de jornalistas espiritas no Rio de Janeiro, por iniciativa do confrade Deolindo Amorim, e declaram que começam a chegar solicitações de informes acerca do congresso, suas finalidades, meios de representação, etc.

Quere dizer: no Brasil, o Espiritismo caminha a passos de gigante. Os nossos irmãos de Além-Mar reünem-se e combinam a acção a desenvolver, certos de que o esforço isolado é sempre em pura perda. E vão para um congresso da imprensa, porque da orientação uniforme da imprensa resultará maior proveito para a Causa. Têm razão, os nossos confrades brasileiros.

«Estudos Psíquicos» vai trabalhar para a realização do segundo congresso espirita português. É necessário reunir a família espirita, pô-la em contacto mais estreito. Do seu conhecimento mútuo, só poderão advir benefícios. Já contamos com algumas valiosas adesões. A seguir, outras virão, certamente.

Estamos convencidos de que será questão de agitar o caso sem idéas preconcebidas. É o que faremos, em números sucessivos, pois o nosso fim é construtivo, no mais elevado grau. A nossa divisa não admite dúvidas: «Pelo progresso e prestígio do Espiritismo. Pela união fraternal da família espirita».

Neste sentido, alargaremos o âmbito da acção, congregaremos todos os que se interessarem pela expansão do Espiritismo. O momento é asado. A guerra que se está a travar levará milhões de indivíduos a pensar no problema do ser e do destino. A ciência espirita terá inúmeros cultores. Concitemos a sua atenção. As probabilidades são tantas, tantas, que dispensam cálculos prematuros.

Tratemos do assunto com dedicação, com perseverança, dispostos a vencer todos os obstáculos. Tudo será conseguido, desde que a boa vontade seja manifesta.

Espíritas espanhóis em França

★ A «Revue Spirite» de Agosto passado dá-nos a notícia de que grande número de espíritas espanhóis tiveram que abandonar o seu país e encontraram-se em França, em condições lamentáveis. Muitos deles têm sido albergados nos campos de concentração ou acolhidos à generosidade de amigos aridosos.

Esta revista acrescenta que os espíritas franceses devem auxiliar aqueles irmãos espirituais, em obediência aos deveres de solidariedade impostos pela doutrina. E apela para todos, no sentido de promoverem subscrições, destinadas a minorar a extrema penúria de muitas almas que foram tocadas pelo flagelo duma guerra civil tão longa e dolorosa.

Para este fim, criou-se, em Montpellier (1 Boulevard Pasteur), um escritório centralizador dos donativos prestados, dirigido pelo Dr. Humberto Tôres, antigo presidente da Junta Consultiva da Federação Espírita Espanhola, e cuja vida foi inteiramente consagrada à difusão do Espiritismo.

Escusado será dizer que «Estudos Psíquicos» lastima profundamente a sorte desses confrades que tiveram necessidade de emigrar, por terem ficado reduzidos à miséria, em virtude da pilhagem de que foram vítimas. Se algum leitor quiser enviar qualquer óbulo, com destino àqueles irmãos, da melhor vontade serviremos de intermediários, fazendo-o chegar à «Revue Spirite».

O Espiritismo na corte Inglesa

★ Quasi toda a família real inglesa se interessa pelo Espiritismo. Sabe-se que a falecida rainha Victórinha dois médiuns: James Lees e John Brown. James Lees foi um dos maiores videntes do seu tempo e tornou-se célebre pela descoberta de Jack-o-estripador, que encheu de pânico os bairros mais populosos de Londres. Jack era médico da corte. Um entêrro, simulado, encobriu a sua entrada no manicómio.

A rainha Alexandra também se dedicava ao Espiritismo. «Psychic News» conta que Jorge V, filho da rainha, recebeu um dia certa mensagem espírita proveniente de sua mãe, e agradeceu ao correspondente, em carta autógrafa. Jorge VI também se interessa pelo psiquismo.

Ora, sendo o Espiritismo estudado e praticado por tão nobres individualidades, é por que tem excelências que o impõem à comunidade. Em vez, pois, de o combater, sem conhecimento de causa,

devem os seus detractores estudá-lo, como faz a gente equilibrada e culta, como faz a família real britânica. Temos a certeza de que mudarão de opinião todos quantos lhe penetrarem os arcanos.

Os que nele buscarem demonismo ou sobrenatural, verão inutilizados os seus esforços. O Espiritismo é terreno onde só os verdadeiros pesquisadores se poderão aventurar sem receio. Basta que venham munidos de boa-fé e desejo franco de investigar.

Nota final

A curiosa e espontânea colaboração que nos tem chegado às mãos demonstra que a simples notícia do aparecimento de «Estudos Psíquicos» está despertando certo interesse no meio espírita português. Este facto é inegável. Não podemos deixar de o reconhecer. Para quem principia, é incontroverso que tal circunstância representa grande papel, pois todos gostam de ver as suas empresas acalentadas, mesmo por aqueles que as podem auxiliar, apenas, com a sua simpatia. E por vermos que o apêlo recebido é, em verdade, muito superior à nossa expectativa, não deixaremos de lhe corresponder, dentro das nossas forças e da nossa boa vontade.

Aqui afirmamos, pois, que esta revista defenderá sempre o Espiritismo, dentro do seu campo de acção, que alargará sucessivamente, à medida que novos elementos apareçam. Neste ponto, podem estar tranquilos. A firmeza de opinião dos que lhe dão o seu concurso é característica e não cede, com facilidade, por ser baseada no raciocínio e na lógica. Nem os motejos frívolos, nem os ataques inconsistentes chegarão para apagar o nosso entusiasmo, que aumenta dia a dia, incessantemente. Todos estão dispostos a erguer bem alto a divisa que nos orienta, sem receios, nem vergonha, porque receio é faltar à palavra e vergonha é dar exemplos de insuficiência moral que não estão, felizmente, no nosso programa.

A colaboração a que nos referimos encontraria, já, neste primeiro número, o seu acolhimento, se imperiosa necessidade não houvesse de dar carácter à revista, já abrindo secções que terá de manter, já inserindo trabalhos daqueles que serão seus cooperadores habituais. Dêste modo, só no próximo número abriremos a tribuna destinada aos que tenham deas e desejem trazer a sua pedra ao edificio comum. Aos que vieram e aos que, naturalmente, se não farão esperar, damos a certeza do nosso amparo e da nossa simpatia.

«Estudos Psíquicos» demonstra assim que lhe são gratas todas as gentilezas que recebe.

A ALMA HUMANA

S/O - 39

pelo Dr. António Lobo Vilela

Uma das coisas que mais tem surpreendido os etnólogos é a primitividade e universalidade da crença nos espíritos. Mas, sem se darem ao trabalho de investigar a origem real dessa crença, partiram do princípio que se tratava de uma superstição grosseira e, dentro destas normas, imaginaram toda a série de fenómenos naturais que a podiam ter determinado. Nós, porém, que reconhecemos a realidade dos fenómenos espiritistas, somos logicamente conduzidos a atribuir-lhes a origem das crenças religiosas. Na observação destes fenómenos é que deve procurar-se, pois, a génese da ideia de alma e não numa pretensa ilusão dos selvagens ao contemplarem a sua imagem reflectida nas águas, a sombra dos seres e das coisas projectada no chão, acompanhando os seus movimentos, ou as imagens vivas dos sonhos, visto que os selvagens, embora ignorantes, são bastante inteligentes para distinguirem umas das outras.

O homem primitivo não inventou os espíritos como não inventou a geometria. A crença nos espíritos começou por ser uma arte mágica de encantamentos e esconjuros. Poincaré (*La science et l'hypothèse*) nega o valor objectivo e experimental da geometria, mas logo se contradiz afirmando que «se não houvesse corpos sólidos na natureza, não haveria geometria». Análoga observação podemos nós fazer acerca dos mágicos: se os espíritos não existissem, nunca teria havido mágicos. Le Dantec, numa das suas belas obras (*Les lois naturelles*, pág. 63) escreve: «Os nossos ancestrs não tiveram que imaginar planos, eles viram-nos; não tiveram que imaginar rectas, viram-nas; viram um círculo perfeito olhando o sol ou a lua cheia.» Outro tanto diremos nós dos espíritos: os nossos antepassados não precisaram de inventá-los, porque os viam, e, sem isso, não os podiam ter imaginado. «*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*» é o dogma dos materialistas que, a-pesar disso, pretendem negar realidade objectiva à crença universal na existência dos espíritos.

Os etnólogos, que pretendem estabelecer uma interpretação positiva das crenças religiosas, apenam, de bom grado, para o poder da imagina-

ção criadora, a faculdade mais irreal que nos é atribuída. Visite-se um museu, uma exposição de arte qualquer, em que haja obras dos melhores artistas, que apresentem um carácter de maior originalidade, e procure-se o papel que cabe à imaginação criadora. A Beleza, na arte, reduz-se, quasi inteiramente, à perfeita reprodução do natural... E nós que vemos a impossibilidade de um artista criar formas de beleza sem se inspirar no real, poderíamos então admitir que os selvagens, para quem a vida se resume no jogo das sensações, tivessem criado, não apenas um mundo de objectos inanimados como os que constituem a arte, mas um mundo de seres vivos, inteligentes, que seria o mundo dos espíritos? Tratando-se mesmo dum capricho da imaginação, como poderia compreender-se a universalidade dessa crença?

Quando estudámos a génese das crenças religiosas, assinalámos, embora resumidamente o papel que coube aos fenómenos espiritistas. Não voltaremos agora a este assunto, limitado-nos a frizar que, entre os selvagens, os fenómenos espiritistas se produzem com maior frequência, mas não porque eles tenham faculdades supranormais particularmente desenvolvidas. Tudo se compreende se notarmos que os espíritos que vulgarmente ali se manifestam, sendo menos evoluídos, têm corpos psíquicos mais densos e podem, por isso, produzir fenómenos físicos com maior facilidade. Por outro lado, os vivos costumam recorrer a certos alcalóides ou a bebidas alcoólicas, nas cerimónias religiosas, provocando assim um desdobramento parcial que permite a percepção supranormal.

Os índios da América empregam, para esse efeito, algumas substâncias vegetais, como a trepadeira *yagé* e o cacto *peyotl*, que mastigam directamente ou com as quais fazem infusões que ingerem nas práticas do culto. Nos santuários antigos, a Pítia, antes de entrar em convulsões sobre a tripode sagrada, mastigava folhas de loureiro que gozam de propriedades hipnóticas, como o Dr. Kerner (*La voyante de Prevorst*), verificou. Os magos da Pérsia, nas suas cerimónias religiosas, serviam uma bebida alcoólica, o

hôma, feita com ervas pisadas e filtradas; os hindus bebem o *sôma*, um licor fermentado; os derviches fumam haxixe; os scitas embriagam-se com vapores de cânhamo; e na Idade Média recorria-se muito à mandrágora. O catolicismo que herdou do paganismo o ritual sumptuoso, mas desvirtuando-lhe o sentido, ainda hoje emprega o vinho no sacrifício da missa (revivescência dos sacrifícios de vítimas imoladas em honra dos deuses); e os protestantes adoptaram o sumo de uvas em certas cerimónias.

* * *

O problema da natureza da alma atravessa duas fases distintas: primeira, a da *materialidade da alma*, determinada pela observação dos fenómenos espiritistas com carácter objectivo; depois, a da *espiritualidade da alma* atingida por mera especulação metafísica.

É fácil compreender, que os povos primitivos, como os selvagens modernos, chegaram à crença na materialidade da alma pela observação das aparições fantásticas, procurando relacioná-las com os outros fenómenos que melhor e mais facilmente podiam observar. Uma vez as aparições eram tão materializadas que permitiam identificá-las com as almas dos mortos, firmando a crença na sobrevivência; outras vezes, a maior parte, certamente, elas eram a reprodução exacta dum corpo físico, sob uma forma aérea, obscura, como um fumo ligeiro, o que justifica a designação de *sombras* que os antigos davam às almas dos mortos; raramente essas aparições se apresentavam como nebulosas, brancas ou multicolores, luminosas (1), como nuvens subteis, (*Odisséa*, XI, 476), labaredas vivas que falavam (2) e que, dada a impossibilidade de se identificarem com as almas dos mortos, constituíram os deuses (3).

Os chineses distinguem o *huen* e o *ling*, sendo o primeiro propriamente o espírito e o outro a substância que o corporiza (4). Os persas chamavam *feruer* ao corpo espiritual.

O *Ká* dos egípcios era o *duplo* do corpo: «era como um segundo exemplar do corpo, numa matéria menos densa que a corporal, uma projecção colorida mas aérea, do indivíduo, que o reproduzia exactamente em todas as suas partes». (5) Os gregos chamavam *odolon* ao corpo espiritual que, sendo a reprodução exacta do corpo físico, é constituído por uma substância subtil, de uma rara tenuidade, que escapa ao tacto. No reino de Plutão, as almas erram sob

a forma de sombras ligeiras (6). Quando Ulisses quer estreitar em seus braços a «sombra» de sua mãe, não consegue mas que abraçar o vaso: «Tal é, depois do trespasse, a condição dos mortais; eles não têm mais carne nem osso; tudo é pasto da chama devoradora; desde que o corpo, pálido e gelado, exalou o sopro da vida, a alma, como um sonho adejante, fugiu para o reino das sombras.» (7) Vergílio descreve uma cena análoga, quando Eneas quer abraçar o fantasma de sua mulher Creusa: «Três vezes ali tentei lançar-lhe os braços ao pescoço, três vezes a imagem, em vão segura, foge das minhas mãos, como as brisas ligeiras e muito semelhante ao leve sono» (8). A sibila de Cumas explica a Eneas que as sombras do Tártaro, sem corpo, arrastam ténues vidas sob ôcas imagens de formas que a sua espada debalde trespassaria (9). Homero e Vergílio consideram a alma como um sopro que se evolui da boca ou das feridas do moribundo (10). Os romanos costumavam debruçar-se sobre os parentes ou amigos que se encontravam na agonia, para aspirarem o seu último sopro de vida (11). Entre os povos da Polinésia é costume tapar a boca e o nariz aos muribundos, para impedir que a alma se evolue com o último suspiro (12).

Para os hebreus, Jeová é um sopro que «vôa nas asas dos ventos» (13), um fogo devorador que consome os holocaustos e as banhas das vítimas, como consome os filhos de Arão (*Levit.* X-2). «O Senhor teu Deus é um fogo devorante (14). Os Espíritos que descem sobre os Apóstolos, manifestam-se por um sussurro como o do vento e têm o aspecto de línguas de fogo. (*Actos*, II, 2 e 3). O Alcorão apresenta os gémeos como formados de um «fogo subtil» (XV-27), de «fogo puro sem fumo» (LV-14).

Jeová, para dar vida ao barro de que fez Adão, insuflou-lhe o «sopro de vida» (*Génese*, II-7; e é o mesmo modo que faz ressuscitar os mortos (*Ezequiel*, XXXVII-9). «A suprema bondade sopra em nós a vida», Dante: *Paraíso*, VII-48).

Os sábios e os filósofos procuram, por sua vez, determinar a natureza da alma. Uns consideravam a alma e o espírito como um todo homogéneo, mas de uma matéria muito subtil; outros, tomando talvez em conta o carácter essencial dos fenómenos subjectivos, negaram a materialidade do espírito, identificando-o todavia, com a alma; outros ainda, distinguindo a alma do espírito, aceitavam a materialidade da alma que assim corporizava o espírito imaterial (15).

Leucipo e Demócrito consideravam a alma constituída por átomos esféricos e lisos que, assemelhando-se aos do fogo (16), eram de todos os mais subtis e penetravam todo o corpo, dando origem aos fenómenos da vida. Lucrécio distingue a alma (*anima*) do espírito (*animus*), mas considera ambos materiais. Os átomos que constituem o espírito são mais esféricos, mais pequenos e movem-se com maior velocidade. A alma é constituída por três categorias de átomos, sucessivamente mais subtis: de ar, de vapor, de calor, sendo os últimos aqueles cuja natureza mais se aproxima da do espírito. «A alma, escreve Heráclito, (17) é um vapor quente e sêco e o mais sêco é o melhor».

Para Aristóteles, além do espírito (*Vous*), existe uma alma física, embora subtil, que é a enteléquia do corpo (18). S. Paulo (19) admite que a ressurreição se faz em «corpos celestiais». Orígenes diz que os corpos dos anjos, como os dos demónios, são feitos duma substância vaporosa (20), semelhante ao *ochêma* de Platão e ao *ocheumata* dos neo-platónicos, atribuindo-lhes uma forma esférica (21). Tertuliano (22) considerava a alma como um sopro aéreo. S. Basílio (23) pensava de modo análogo. Segundo Guizot (24), os doutores da igreja primitiva eram partidários da materialidade da alma. S.^{to} Hilário escreve: «Não há nada nas substâncias e na criação, quer sôbre a Terra, quer no céu e entre as coisas visíveis, como entre as invisíveis, que não seja corporal, porque é necessário que tudo o que é criado esteja em alguma coisa». (*Canon V, in Matth.*)

A ideia simplista de um corpo espiritual único, a alma, que por assim dizer corporizava o espírito, sucedeu depois a concepção de vários corpos psíquicos que serviam de transição entre o espírito propriamente dito e o corpo físico, os quais se iam subtilizando com a evolução. É assim que os egípcios, além do *Ka*, admitiam a existência de outros corpos espirituais como o *Ku* (o luminoso, que alguns autores identificam com o *Ka*) o *sahu*, o *sriti*, e o *ib*. O espírito era designado pelo nome de *ba* ou *be* e representado simbolicamente por uma ave. Platão distinguia três espécies de almas: uma alma inferior localizada no ventre, uma alma afectiva que reside no peito e uma alma intelectual (*Vous*) que ilumina o cérebro. Os escolásticos, á semelhança de Aristóteles, consideravam também três espécies de almas: alma vegetativa (*forma corporalis*),

comum a todos os seres vivos; a sensitiva (*anima sensitiva*) comum aos animais e ao homem, e a intelectual (*anima intellectualis*), exclusiva do homem e única imortal.

(¹) Os nomes que alguns povos dão aos deuses são sinónimos de espíritos ou de sombras, como o *Teotl* dos mexicanos e o *Guacas* dos peruanos, etc.; outras vezes significam luminoso, brilhante, como os Devas (de *dáv*: brilhar) dos hindus.

(²) «Vós não visteis figura alguma no dia em que o Senhor vos falou, em Horeb, do meio do fogo.» (*Deut.* IV-15).

(³) «Desde que se começa a pensar que há no homem um ser inteiramente distinto da máquina e que o entendimento persiste depois da morte, dá-se a este entendimento um corpo delicado, subtil, aéreo, semelhante ao corpo no qual está alojado. Se a alma do homem não tivesse conservado uma forma semelhante à que possuía durante a vida, não se podia distinguir, depois da morte, a alma de um homem da de outro. Esta alma, esta sombra, que subsistia separada do seu corpo, podia muito bem mostrar-se, voltar a ver os lugares que tinha habitado, visitar os seus parentes, os seus amigos, instruí-los. Não havia impossibilidade alguma em tudo isto.» (Voltaire: *Dictionnaire philosophique*).

(⁴) Gougenot des Mousseaux: *Les médiateurs et les moyens de la magie*, pág. 307.

(⁵) Maspero: *Hist. Ancienne des peuples de l'Orient*.

(⁶) *Panegirico de Messala*, 67-68.

(⁷) *Odisséa*, XI.

(⁸) *Eneida*, II, 791-793.

(⁹) *Eneida*, VI, 292-294.

(¹⁰) *Iliada*, XVI, 505, 556; XXII-362; *Eneida*, II, 561-562.

(¹¹) *Eneida*, IV-684; Cícero: *Verr.*, V-452.

(¹²) Bertillon: *Les races sauvages*.

(¹³) II, *Reis*, XXII-11; *Ps.* XVII-11, uma chama que brilha (1) *Êxodo*, III-2; XIX-18; XXIV-17; *Deuter.*, IV-12, 15; *Actos*, VII-30.

(¹⁴) *Levítico*, IX-24; *Juizes*, VI-21; II, *Reis*, XXII-9; *Reis*, XVIII-38; II, *Paralip.*, VII-1; *Ps.*, XVII-9; *Deuter.*, IX-3; *Isaías*, XXX-27.

(¹⁵) Anaxágoras foi o primeiro filósofo grego a estabelecer a distinção entre matéria e espírito considerando aquela como elemento passivo, e este a força organizadora e propulsora. (Aristóteles: *Metafísica*, I-3, 984).

(¹⁶) Aristóteles: *Da alma*, I-2.

(¹⁷) *Fragmentos*, 27, 49, 54.

(¹⁸) *Da alma*, II-2.

(¹⁹) I Coríntios, XV, 40, 44.

(²⁰) *Dos Princípios*, I, 7.

(²¹) *Dos Princípios*, II, 3, 8, 11.

(²²) *Da Alma*, 56. *Da Carne de Cristo*, VI, 5,

(²³) *Do Espírito Santo*, 16.

(²⁴) Guizot, *Histoire de la Civilisation en France*, I-160.

Alguns aspectos da evolução

(Do transformismo)

pelo Dr. António J. Freire

A evolução consiste na transformação contínua das coisas e dos seres, caracterizada por seu aperfeiçoamento progressivo em relação com um fim ou ideal determinado.

A evolução apresenta-se como uma necessidade incoercível à qual é submetido o Universo inteiro. Tudo o que existe evoluciona e ninguém pode subtrair-se a esta lei, mesmo pela morte. O que nós chamamos «nascimento e morte», representa passagens dum a outro estado de evolução.

Drs. A. Auvard et M. Schultz — L'Evolisme.

N A história do pensamento humano há uma coincidência singular e instrutiva, merecendo particular atenção: o aparecimento quasi simultâneo, em meados do século passado, do transformismo e do espiritismo.

O transformismo, expresso na evolução das espécies, desde a sua origem, nos diferentes reinos da natureza, envolve, no seu carácter naturalista clássico, somente as variações ascendentes ancestrais das formas orgânicas (filogenia); o espiritismo traduz a evolução anímica nos domínios gerais do espírito.

O transformismo e o espiritismo, talvez antagónicos aparentemente dentro da escola positivista, são, no entanto, substancialmente termos complementares, intimamente ligados na correlação indissolúvel que une a forma à vida no panvitalismo universal. Só pela acção dum dinamismo psíquico, ainda que rudimentar, podem ser preenchidas as lacunas e resolvidas as incógnitas que ainda obscurecem alguns problemas do transformismo, — quer fisiológicos, desde a própria origem das espécies e da histólise dos insectos, até às transformações bruscas criadoras de novas espécies (mutações de Vries); quer de ordem psicológica, como demonstrou Fabre para os instintos dos insectos; quer, ainda, de ordem filosófica, fazendo o transformismo «sair o máximo do mínimo, o complexo do elementar», como justifica o dr. G. Geley na sua obra magistral — *De l'Inconscient au Conscient*. No en-

A evolução, no seu significado mais geral, constitue um dos princípios científicos mais bem fundamentados. O evolucionismo, ainda que só fôsse baseado nas ciências naturais, desafiaria toda a refutação. No vértice da evolução, a alma é um princípio consciente e livre. No percurso da sua evolução progressiva, a alma passa por organismos sucessivamente mais aperfeiçoados numa série contínua de encarnações e de desencarnações (palíngenesia).

Dr. G. Geley — *De l'Inconscient au Conscient*.

tanto, pode-se talvez afirmar que a doutrina da evolução e o espiritismo são das conquistas mais luminosas e fecundas que nos legou o século passado, envolvendo, tanto uma como outra, na sua vasta e profunda generalização — ciências, filosofias e religiões.

Ainda que Buffon, Goethe e Lineu tivessem sido os precursores, é a Lamarck, Russell Wallace e Darwin, especialmente o primeiro, que se deve a sistematização da doutrina do transformismo ou da descendência (1).

(1) Russel Wallace foi também um dos mais insignes espiritas da primeira hora, em Inglaterra. Uma das suas obras — trad. franc. «*Les Miracles et le Moderne Spiritualisme*» — quer pelo seu valor intrínseco, quer pela elevada categoria científica do autor, muito concorreu para a vulgarização do espiritismo em Inglaterra, chamando a atenção dos homens de ciência para a observação e estudo dos fenómenos anímicos e espiritas, no domínio do supranormal.

R. Wallace foi um dos fundadores, em 1869, da Sociedade Dialéctica de Londres, dedicada exclusivamente à análise e verificação do experimentalismo espirita (trad. franc., «*Rapport, sur le Spiritualisme par le Comité de la Société Dialectique de Londres*»). O rigor científico dos seus relatórios e severo controlo nos factos observados, muito concorreram para que o consagrado sábio, William Crookes («*Recherches sur les Phénomènes du Spiritisme*», trad. franc.) se dedicasse a esta categoria de estudos (1870-1874), donde surgiu a célebre e clássica materialização de Katie King com larga repercussão em todo o mundo, especialmente nos meios intelectuais ingleses e norte-americanos. Não foram certamente estranhas a estes trabalhos as fundações da Sociedade de Investigações Psíquicas, quer inglesa, quer norte-americana, onde têm afluído dos maiores sábios, filósofos e literatos contemporâneos. Em muitas dezenas de volumes (*Proceedings*) estão registados, seleccionados e rigorosamente observados milhares de factos anímicos e espiritas, suficientes para imporem o fundamento real e científico do espiritismo, constituindo uma sólida barreira ao materialismo dominante e o triunfo definitivo e irrefutável do espírito sobre a matéria

Darwin e R. Wallace, cujos trabalhos apareceram simultaneamente, baseavam-se apenas na *selecção natural*, na «*struggle for life*», na vitória das espécies mais fortes e vigorosas.

Lamarck tornou como condição essencial a *influência do meio* (mesologia), origem de novas funções de adaptação e de reacção e consequentemente a formação de novos órgãos, pois só «a função faz o órgão», e não o órgão a função.

As espécies vivas, partindo dum tronco comum, ramificam-se em géneros, famílias, ordens e classes, variando a sua identidade de origem devido à acção das causas múltiplas, fixando-se por hereditariedade, a ponto dos progenitores poderem reproduzir uma nova espécie. As formas animais evoluem, através de gerações sucessivas, de espécie para espécie, de género para género, quer por variações fracas, graduais e sucessivas, acentuando-se de geração para geração, (flutuações), quer por variações bruscas, dum jacto, (mutações).

Três noções dominam a doutrina do transformismo: uma fundamental — a *filogenia* — expressa na genealogia ancestral por hereditariedades sucessivas; duas subsidiárias: *causalidade* e *modalidade*, podendo associar-se as causas darwinianas, mais acentuadamente as lamarquianas, e outras, devidas às modernas investigações dos neo-lamarquistas: Wagner, Gullick, Packard, Le Dantec, Dohrn, etc. Cope dá todo o relêvo ao uso ou não uso dos órgãos e às reacções fisiológicas correlativas às excitações do meio ambiente. (*cinetogénese*).

* * *

O estudo do transformismo atinge a sua máxima acuidade quando trata de explicar a origem do homem, determinando a sua genealogia, tentando ligá-lo numa linha ancestral aos *antropóides* e *primatas*. Lineu, (1707-1778), no seu — *Systema Naturae* — agrupou com os primatas o seu *Homo sapiens*, embora ocupando o vértice hierárquico da escala zoológica.

Quatrefages, (1810-1890), separou o homem

do reino animal, criando um quadro à parte — o *reino hominal*.

Debalde têm procurado os partidários do transformismo encontrar os elos sucessivos da cadeia ancestral, numa forma concreta, sem intermitências ou lacunas, ligando o homem aos antropóides ou a outros símios.

Não está ainda apagado na memória, o sucesso retumbante produzido, em 1894, pela descoberta do médico holandês, dr. E. Dubois, dum fóssil intermediário entre os antropóides e o homem, encontrado em Java — o célebre *antropopithecus*. Facto significativo da época contemporânea: a maior parte da imprensa mundial, pressupondo que estava solucionada com esta descoberta a origem simiana do homem, deu larga publicidade ao aparecimento do *antropopithecus*, como uma vitória decisiva para o materialismo e o ateísmo.

Na abalorada opinião do eminente Prof. R. Perrier, nem o *Antropopithecus*, nem as descobertas mais recentes do *Palaeanthropus* (Bonarelli, 1907), e do *Homo rhodesiensis* (1921), resolvem o perturbante e misterioso enigma da origem do homem.

O transformismo pôs, frente a frente, um dos mais complexos e angustiosos problemas que tem agitado o pensamento humano nos seus quadros mais representativos — científico, filosófico e religioso: — *transformismo ou criacionismo*?

Para a ciência, o criacionismo é um mero conceito místico e teológico, irreductível e antagónico ao princípio evolucionista que domina todos os reinos da natureza, desde o inorgânico ao orgânico. Para os sistemas neo-espiritualistas, tendo no mais alto grau o conceito da Divindade, o criacionismo no seu aspecto humano, comportando um Deus antropomórfico, ilaqueado num geocentrismo mesquinho, com a sua cornucópia de graças e de predestinações, com as suas retaliações e com os seus favoritismos, repugna à sua razão e ao seu sentimento. O transformismo peca por defeito no seu conceito materialista e agnóstico; o criacionismo peca por excesso no seu misticismo super-espiritualista. A solução deve estar, talvez, no meio termo entre os dois sistemas, desde que se saiba conciliar a ideia dum Criador com o princípio evolucionista, princípio de que participam todas as correntes neo-espiritualistas; princípio fundamental para a compreensão do progresso na multiplicidade dos seus aspectos dentro do seu carácter universalista e cósmico. A evolução,

perante a comprovação da sobrevivência humana e a comunicação entre os habitantes dos dois mundos: astral e terrestre.

Allan Kardec, o inolvidável e sempre venerado patriarca do espiritismo, a quem mais se deve a sua sistematização, dignificação e vulgarização, através da multiplicidade das suas obras, ainda hoje clássicas, clarificando-o da sua confusão e deturpação iniciais, extraindo os seus princípios básicos, fazendo luz nas sombras da sua complexidade fenomenológica, e William Crookes pelo espírito rigorosamente científico que soube imprimir ao estudo do experimentalismo espírita, representam, dentro dum critério de justiça e de verdade, os dois mais luminosos e fecundos marcos miliários na evolução do espiritismo, ideal de resgate e de regeneração espiritual da Humanidade.

na sua máxima amplitude, abrangendo e solidarizando Céus e Terras, Sóis e Planetas, o Universo inteiro, é, talvez, a lei fundamental da Providência de que tôdas as outras são subsidiárias e complementares; razão de ser da Vida, animada e impulsionada pelo Espírito, como seu directo refluxo, para um fim de perfeição inacessível, por enquanto, à nossa razão, transcendendo na sua ascensão o tempo e o espaço. A evolução não é uma lei fabricada ou concebida dentro dos mais sábios laboratórios, nem, tão pouco, decretada pelos homens — é a resultante dessa Providência onisciente e onipotente que cristalizou fascículos de Luz através dos Universos cósmicos.

Embora o transformismo, adstrito mais particularmente ao reino animal, não tenha o poder expansivo e generalizador da evolução, que o ultrapassa para outros sectores da Natureza, é fora de dúvida que mesmo nos reinos inferiores — mineral e vegetal — o transformismo evolutivo é um facto incontroverso para a ciência, pelo menos, nas suas linhas gerais, atenta a lentidão das suas transformações progressivas.

* * *

Os biólogos da escola de Vialleton, não aceitam o transformismo integral, só admitindo as variações pouco profundas nas espécies zoológicas, insuficientes para efectuarem a transição dum género para uma família, menos ainda duma família para uma ordem.

R. Perrier, (cit. de G. Dumas — *Nouveau Traité de Psychologie*, vol. I, ed. Alcan, Paris, 1930) diz: «Desde o Situriano, a maior parte dos tipos animais mostram-se com os seus caracteres próprios, mesmo para os grupos recentemente aparecidos, como mamíferos e aves; a paleontologia não tem revelado os tipos formais, indiscutíveis, ligando estes grupos a formas mais antigas que seriam os seus ancestrais». Mais adiante diz ainda: «A doutrina transformista, apesar de ataques e críticas, permanece íntegra no seu princípio evolucionista».

Ainda que em alguns dos grandes grupos zoológicos o transformismo tenha bases seguras para se afirmar duma forma completa, como sucede nos equídeos; na verdade, outros grupos existem onde a paleontologia não forneceu até agora os elos de ligação concreta para completar a sua cadeia genealógica, em consequência das camadas geológicas não terem fornecido os indispensáveis elementos fósseis de ligação ancestral.

Emquanto a escola de Le Dantec, baseada na

assimilação funcional, donde resulta a adaptação ao meio e a evolução consecutiva, permanece fiel ao mecanismo puro, outros neo-lamarquistas: Cope, Pauly, Naegeli, etc., compreendendo as lacunas do sistema e as dificuldades de interpretação para os saltos bruscos (*mutações*) de algumas espécies, à face da insuficiência da concepção mecanicista, procuram encontrar um novo elemento dinâmico para melhor compreensão do transformismo.

Cope admite uma energia particular de crescimento (*batmismo*), energia transmissível pelas células germinais, constituindo um *dinamismo vital* que faria compreender como «a função faz o órgão».

Pauly e outros neo-lamarquistas vão mais longe, atribuindo mesmo aos minerais e vegetais um certo grau de *consciência profunda* donde resultariam tôdas as modificações e adaptações progressivas.

Naegeli é ainda mais categórico, admitindo dois plasmas para os organismos: o nutritivo, não diferenciado, comum a tôdas as espécies; o *idioplasma*, diferenciado e específico para cada espécie. «O idioplasma conteria, além dos fascículos micelianos que o caracterizam, uma *tendência evolutiva interna com tôdas as capacidades, tôdas as potencialidades de transformação e de aperfeiçoamento que teriam existido desde a primeira origem da vida, nas primeiras formas viventes*» (cit. de G. Geley — *De l'Inconscient au Conscient*, ed. Alcan, Paris 1921).

As concepções de Naegeli são instrutivas, abrindo novos horizontes ao transformismo, deixando antever um *dinamismo psíquico* presidindo e orientando a evolução da Vida através do polimorfismo das suas formas materiais, condicionadas pela selecção natural darwiniana e ainda mais profundamente pelas influências mesológicas lamarquianas. Mesmo assim, conjugados, estes factores são, só por si, insuficientes para determinar a evolução das espécies e solucionar alguns problemas inerentes ao transformismo.

Só por um «milagre natural» se poderiam compreender as passagens dos grupos zoológicos de meio para meio: da vida aquática para a vida terrestre; da vida terrestre para a vida aérea, como um mero e fortuito resultado de adaptação. O dr. G. Geley é explícito sobre esta dificuldade (Op. cit. pág. 16):

«As espécies ancestrais, adaptadas a meios muito especiais, não tinham necessidade alguma de mudar de meio e mesmo que sentissem essa necessidade não a poderiam rea-

lizar. O réptil, ancestro da ave, só poderia adaptar-se a um meio que não era o seu meio natural depois da sua passagem da forma réptil para a forma ave. Era indispensável criar asas, mas asas úteis e não rudimentos embrionários, para assim se adaptar e viver no meio aéreo. Um raciocínio idêntico aplica-se naturalmente à passagem do peixe a batráquio. Mas onde a impossibilidade das transformações por adaptação aparece ainda mais evidente é na evolução do insecto. Não existe relação alguma entre a biologia da larva representando, numa certa medida, o estado primitivo do insecto ancestral e a biologia do insecto perfeito. Não se consegue conceber por que séries misteriosas de adaptações, um insecto, habituado à vida larvar, na terra ou nas águas, teria podido chegar progressivamente a cujar asas para uma vida aérea que lhe era fechada e mesmo desconhecida. Quando se pensa que estas séries misteriosas de adaptações se teriam realizado, não, uma só vez excepcionalmente, à maneira dum «*miracle naturel*», mas tantas vezes quantos são os géneros de insectos alados, tem de abandonar-se toda a esperança de ligar a aparição das suas espécies aos factores larvaquianos, como rejeitar a idea de atribui-las aos factores darvinianos. Plate compreendeu a impossibilidade destas transformações formidáveis por adaptação quando escrevia: — «*encore que un animal per tienne a un certain groupe, les possibilités de variations acheminent se restreintes, et, en beaucoup de cas, réduites a des limites très étroites*». A origem dos instintos primários e as suas modalidades, — continua o dr. G. Geley — é tão difícil de explicar pelo naturalismo clássico, como a própria origem das espécies. Mais adiante o dr. G. Geley acrescenta: «A aparição espontânea dos seres vivos é uma impossibilidade filosófica. A aparição progressiva destes seres não é contraditada pela teoria das mutações. É somente o mecanismo hipotético, a suposta gênese das transformações que se encontram em opposição formal com os novos factos. Mas a idea evolucionista pura não tem nada a temer das novas descobertas, antes pelo contrário, como me esforçarei por demonstrar mais longe. A aparição espontânea de formas superiores às formas originais é uma manifesta impossibilidade, impossibilidade científica e filosófica. O dilema impõe-se: ou a evolução não existe, ou ela implica uma «*immanence potentielle*» no Universo evolucionante. A evolução sendo demonstrada, nós devemos necessariamente admitir que todas as transformações progressivas complexas realizadas se encontravam «em potencia» na forma ou nas formas elementares primitivas. Os factores clássicos da evolução (selecção e adaptação) seriam apenas factores secundários e acessórios. O estudo profundo do transformismo tem de ser, simultaneamente, científico e filosófico».

Como os ilustres professores: C. Richet, Hans Driesch, F. K. Oesterreich, Schrenck-Notzing, Bergson, William James, A. Rutot, Oliver Lodge, José R. Carracido, F. Botazzi, E. MorSELLI e tantos outros, que têm tomado uma acção decisiva e fecunda nos Congressos Internacionais de Investigações Psíquicas, defendendo, por vezes, a hipótese espirita, o dr. G. Geley é uma das autoridades de maior relêvo no domínio da metapsíquica contemporânea, sendo clássicas as obras que legou à posteridade (1). Médico distinto, director do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, o dr. G. Geley soube aliar ao método experimental uma luminosa orientação filosófica donde resultou a perfeição da sua

obra e o valor dos seus conceitos e lógicas conclusões. A longa transcrição que fizemos é um pálido reflexo de uma das suas melhores obras — «*De l'Inconscient au Conscient*». Muito embora a sua terminologia varie, os seus conceitos sobre a evolução adaptam-se, no fundo, à concepção evolucionista dos grandes sistemas neo-espiritualistas, baseando a evolução, no seu duplo significado, — a Vida (Espírito, Consciência) e a Forma (Morfologia, Somática) — nos dois princípios subsidiários: o reencarnacionismo (Palin-genesia) e o princípio de causalidade (Karma).

A luta entre partidários e adversários do transformismo espraia-se numa abundante e rica bibliografia, intervindo no prélio — ciências filosofias e religiões. É um combate sem tréguas entre os dois inimigos irreconciliáveis que já vem de longos séculos: o materialismo científico e as religiões ocidentais. Os progressos científicos que dinamizam actualmente o espiritismo experimental e a metapsíquica, que é, em última análise, uma parte da sua expressão fenomenológica, abstraindo indevidamente no seu estudo e análise a essência filosófica do espiritismo, levam a crer que, num futuro não muito distante, ciências e religiões se hão de reconciliar, tendo por intermediários as correntes neo-espiritualistas. A metapsíquica, à maneira de Sudre, eivada de falsos preconceitos materialistas nas suas conclusões, é um estorvo para esta reconciliação e para o progresso espiritual da Humanidade. Mas o espiritismo e outras correntes neo-espiritualistas saberão vencer estas e outras dificuldades, resultantes duma série multi-secular de preconceitos científicos e de superstições religiosas e sociais, dentro das suas directrizes experimentais e filosóficas, impondo o valor dinâmico e orientador do Espírito nas suas manifestações reflexas da vida e da forma numa lenta e gradual ascense evolutiva.

* * *

O transformismo fundamenta-se em algumas bases sólidas: a *anatomia comparada* justifica, em certos sectores, alguns dos seus conceitos; a *embriogenia*, sobretudo, através do paralelismo da *ontogénese* com a *filogenia*, dá-lhe um franco apoio. A *paleontologia* — «o arquivo da criação» — através dos estratos geológicos, ainda não revelou todos os seus ricos mananciais fossilíferos à ciência. Muitas surpresas, certamente,

(1) G. Geley — «*Ectoplasmie et clairvoyance*», «*L'être subconscient*», «*Contribution à l'Étude des correspondances croisées*», «*De l'Inconscient au Conscient*», «*Essai de Revue Générale et d'Interpretation Synthétique du Spiritisme*», *La Réincarnation*, etc.

pertencem ao futuro. E se admitirmos a hipótese de grandes continentes submergidos por formidáveis cataclismos cíclicos num longínquo passado—*Lemúria e Atlântida*—é fácil compreender o precioso documentário paleontológico e arqueológico que jaz nas profundezas do Pacífico e do Atlântico, cujo conhecimento e análise poderiam solucionar alguns dos problemas da marcha do evolucionismo. Quem sabe mesmo se aí estaria a almejada chave a que se refere Le Dantec, (*La Crise du Transformisme*), ao exclamar: « Uma mutação, que se produz sob os meus olhos, é uma fechadura de que não posso a chave!»

O transformismo agita grandes e graves problemas de ordem científica, mas o problema mais complexo, fundamental para a Humanidade, é um problema biológico de ordem filosófica: a origem da Vida para por ela se poder deduzir a sua finalidade e marcar as atitudes mais consentâneas ao seu progresso evolutivo. É este o ponto nevrálgico da biologia transcendente. É para a resolução ideal, se não objectiva, desta angustiante incógnita, que devem convergir as actividades conjugadas de ciências, filosofias e religiões, unidas, disciplinadas, cooperando, sinérgica e lealmente, libertas de preconceitos e de retaliações, a-fim-de tomarem de vencida a formidável barreira do «*ignoramus et ignorabimus*», onde esbarra o pensamento humano.

O erro capital do transformismo é ter-se ilaqueado dentro dos mesquinhos limites materialistas. Estudou analiticamente, à custa de inauditos esforços, numa minúcia beneditina, patenteando uma profunda erudição científica, «o patronato das espécies», analisando, comparando, medindo, pesando, todos os elementos paleontológicos que soube exumar do seio bemdito da terra. Mas, da *Vida-forma*, só examinou o que os seus sentidos físicos podiam apreender objectivamente, precisamente a parte mais grosseira, efémera e transitória — a *forma orgânica e morfológica*. A vida, na sua essência divina na sua natureza hiperfísica e espiritual, ainda que objectivamente real nas suas manifestações supranormais, foi tábua rasa para o transformismo. Examinou, comparou, nas séries intermináveis do tempo, as progressivas evoluções das máquinas que actuam nos reinos da Natureza, desde o inorgânico ao orgânico, desde o mineral, já sensível e reflectido no sábio arranjo dos seus eixos de cristalização e na disposição das suas linhas de força dentro da coesão e afinidades, até o homem, ocupando o vértice lumi-

noso na escala da criação, contendo, em potencial, possibilidades divinas; mas — erro máximo — o transformismo abstraiu do seu estudo o motor e o maquinista das peças desconjuntadas que sujeitou à sua observação.

O transformismo, por enquanto, mecanicista e materialista, só examinou um lado da evolução — o *organismo físico* — mero instrumento e veículo *passivo* da dinamização evolutiva. De facto — e as provas acumulam-se no complexo experimentalismo espirita — não há uma, mas, sim, duas evoluções paralelas, interdependentes, simultâneas, prestando-se mútuo auxílio e cooperação: a do organismo físico e a do organismo anímico.

O *dinamo-psiquismo* do dr. G. Geley é, em última análise, a essência e razão de ser do organismo anímico. O seu — «*De l'Inconscient au Conscient*» — é, em substância, o desenvolvimento evolutivo do potencial divino contido no espírito que se vai dinamizando, passando, gradual e sucessivamente, do estado virtual a actual, através de múltiplas séries alternantes de encarnações e desencarnações, sem solução de continuidade, na linha biológica dos seres, determinados pela lei da *necessidade* e da causalidade (Karma) na sua máxima amplitude cósmica, dominando e impulsionando Humanidades e Deuses, para a progressão e expansão dos seus valores espirituais, na ascense para o supremo Criador, infinito e eterno.

Se os cultores da biologia se quizessem dar ao incómodo de compendiar as obras do dr. G. Geley, «*De l'Inconscient au Conscient*», e do eminente teósofo, dr. C. Jinarajadasa, «*L'Évolution Occulte de l'Humanité*», que de novas claridades encontrariam no domínio das suas investigações científicas e no silêncio das suas meditações filosóficas!

A LUZ E AS APARIÇÕES

A luz exerce acção dissolvente sobre os fluidos e muitas manifestações há que só às escuras podem ter bom êxito.

Contudo, há casos em que certos espíritos puderam aparecer à luz fosfórea. Outros, desmaterializam-se em plena luz. Sob a irradiação de três bicos de gás, viu-se Katie King fundir-se, pouco a pouco, dissolver-se e desaparecer, como informa Erny, em «O Psiquismo Experimental». (Léon Denis—«*Cristianismo e Espiritismo*»)

LIVRE ARBITRIO E DETERMINISMO

pelo Dr. José Gaita

DESDE antigos tempos que filósofos, teólogos, sociólogos e jornalistas se estafam em conjecturas e controvérsias sobre a questão de saber se o homem age livremente, se é senhor da sua própria vontade, ou se os seus actos são determinados por causas exteriores que lhe eliminam toda a liberdade de escolher entre o Bem e o Mal.

É um problema fundamental e de transcendente interesse para a organização da Justiça criminal, pois, conforme esta é orientada pela idea livre-arbitrista ou pela determinista, assim as sanções são mais ou menos rigorosas. Se o homem pratica o mal porque quer, o sistema repressivo deve ter carácter aflagante e de castigo, ao passo que, se é levado a essa prática por circunstâncias físico-psíquicas e sociais, não deve ser castigado, mas sim tratado como um doente.

Os partidários do livre arbítrio, partem do princípio que todos os homens são iguais, que todos têm iguais direitos e obrigações e, consequentemente, igual responsabilidade. Portanto, na distribuição da justiça penal, não há que atender ao agente do mal, nem às condições em que é praticado; atende-se apenas ao facto ilícito, sempre igual a si mesmo, seja quem for o indivíduo que o pratique. Desta forma a sanção tem de ser quantitativa e qualitativamente igual e aflagante.

ao mal causado, um talhão de carácter pessoal

A filosofia livre-arbitrista introduzida na ciência criminal teve como consequência elevar o sistema repressivo ao mais alto expoente de crueldade e rigorismo, sem conseguir deter o aumento da criminalidade.

Tendo-se verificado que a teoria dos livre-arbitristas não satisfazia as necessidades sociais, generalizou-se à sua volta uma formidável

polémica que levou a aplicar ao direito penal o método de observação defendido por Augusto Comte.

Para os corifeus desta corrente, a filosofia do direito penal deve ser construída sobre a realidade humana e social, quer dizer, deve sair do campo especulativo e utilizar os ensinamentos da antropologia e da sociologia. Afirmam que o homem não é livre. Todos os seus actos são determinados por circunstâncias estranhas à sua vontade, por móveis que ignora, mas que vivem nele e fora d'ele.

Na repressão dos delitos não há que falar de liberdade de querer. O Estado pune em defesa da sociedade. A pena não é uma sanção da liberdade de querer, mas uma medida de defesa social, porque assim como o Estado se defende dos bacilos, saneando um pântano, tem obrigação de se defender dos criminosos que são agentes de infecção social.

Deve representar apenas o meio necessário para corrigir o delinquentes; não deve ter o carácter de castigo-retribuição e deverá ser individualizada. Seria monstruoso aplicar uma pena, tendo a certeza de que não era necessária para curar o delinquentes.

Os escritores deterministas, no seu combate contra os defensores do livre arbítrio, foram cair em erros opostos não menos perigosos para a formação dum sistema repressivo em bases seguras para nelas assentar uma justiça criminal perfeita.

O delinquentes passou a ser tratado como um doente e, como tal, a ser rodeado de conforto, a ser alvo de cuidados, de tal forma que a prisão, em vez de aborrecida, tornou-se desejada. E os que dela saíam procuravam cometer novo delito para a ela voltarem. Então, uma terceira

corrente de escritores criou a chamada escola eclética, que procurou conciliar as divergências das duas anteriores, mas nem sequer as conseguiu esbater, nem estabelecer doutrina digna de ser adoptada nas legislações penais.

O problema ainda não encontrou solução, não obstante se notarem progressos na evolução dos sistemas repressivos. Todavia, a incógnita é fácil de encontrar...

O êrro fundamental, tanto dos livre-arbitristas, como dos deterministas, foi o de darem às suas teorias um carácter absoluto, sem tomarem em conta o mundo de relatividades onde se moviam, e a própria condição humana, por essência relativas e inconstantes, e o de as encerrarem nos estreitos limites de um berço e um túmulo.

Por isso, a revelação espirita, demonstrando que a vida do sêr não se confina numa existência única, mas sim, se prolonga sucessivamente através dos renascimentos até atingir a perfeição, achou a chave do problema. Pelas vidas sucessivas, o homem conquista a própria liberdade; liberdade que encontra um justo limite no determinismo das leis universais, eternas e imutáveis que regem os mundos.

Para Allan Kardec, o insigne codificador do espiritismo, a verdade do problema está num justo meio:

Admite o livre arbítrio. «Sem livre arbítrio, o homem seria uma máquina».

Negar o livre arbítrio, é tirar ao homem toda a iniciativa, toda a responsabilidade; é tirar-lhe a faculdade de discernimento e fazê-lo descer aos graus inferiores da animalidade.

«A liberdade é a condição necessária da alma humana». Dela deriva a responsabilidade, na qual se firma a dignidade e a moralidade do homem, elementos indispensáveis à constituição duma Sociedade organizada.

A liberdade de querer e conseqüente responsabilidade são testmuhadas pela consciência. Esta, com toda a sua autoridade, diz-nos que somos livres. Acusa-nos, se praticamos o mal, e louva-nos se procedemos bem. Podem os outros censurar-nos por um acto que não praticamos; a injustiça magoa-nos, mas a consciência fica tranqüila. A sensação do remorso é uma prova iniludível da liberdade humana. O remorso não existiria, se o livre arbítrio não fôsse uma realidade.

Os psicópatas não sentem êsses rebates de consciência quando praticam o mal, exactamente porque a doença os priva das suas faculdades de escolha entre os actos bons e os actos maus.

Mas Kardec, defendendo a tese livre-arbitrista no campo da relatividade, reconheceu que a liberdade de querer está limitada por móveis exteriores, por conseqüências naturais de acções passadas, por contingências do meio, onde o espírito encarnado vive e por outras causas pelo espírito aceites no momento da reencarnação.

A teoria de Kardek é aceite pelos espiritistas e, não resta dúvida, que ela satisfaz plenamente a razão esclarecida e a justiça justa.

De facto, aceitar um determinismo absoluto, é admitir a realização fatal de todas as predições, conseqüência contrária à natureza psíquica do homem, o qual, embora ignorante do seu futuro, conserva sempre na alma uma tênue luz de esperança.

E afirmar a inteira liberdade do homem na sua vida corporal terrena, é não ter em conta as conseqüências dos actos praticados em existências anteriores e negar que a vida em sociedade o sujeita a contingências de toda a ordem, morais, económicas, físicas e sociais, que em certo grau lhe limitam o livre exercício das suas faculdades psíquicas.

Não é possível a existência dum acto humano inteiramente livre.

O espírito reencarnado tem sempre uma missão a cumprir ou provação a sofrer, por êle livremente escolhida no momento da reencarnação, e a essa finalidade fica sujeita, essencialmente, toda a sua existência terrena.

Dentro dêste critério, a teoria espiritista fornece elementos para fundamentar um sistema repressivo que, tendo em conta o direito de defesa da sociedade, estabelecesse sanções equitativas que levassem os delinquentes a reflectir, a instruir-se, e a regenerar-se.

«A sociedade deve corrigir com amor e não com ódio».

É amor e paz que ensina a moral espirita. Divulguemos a verdade das Leis da Causalidade e dos Renascimentos, e contribuiremos para dissipar as trevas da ignorância e fazer recuar o mal.

Assim a humanidade será mais livre e mais consciente de si mesma. Todos os homens serão solidários, porque a liberdade de cada um ficará ligada à liberdade dos outros. Então, impondo-se cada um a si mesmo a disciplina moral do Espiritismo que livre a sociedade da violência das paixões e dos apetites desenfreados que geram a incerteza e a desordem, não haverá delinquentes, nem necessidade da existência duma Justiça Penal.

Fenomenologia Metapsíquica

I

pelo Dr. Rodrigo Sanz

(Tradução de I. D. S.)

1. — A Metapsíquica, ou seja o Espiritismo considerado como ciência, compreende o estudo de todos os fenómenos que permitam observar a alma humana, unida ou separada do corpo, ou outras almas que possamos conhecer. São, pois, de sua incumbência, não só os chamados, propriamente, *espíritos*, ou que não se explicam senão como obra de alma separada, e os chamados animistas, em que parecem actos autónomos de alma unida, mas também os *hipnóticos*, em que o sujeito obra por vontade de outrem, e as *demências de possessão*, bem como larguíssima série de factos correntes, desde os *sonambúlicos*, *oníricos* ou de sonho e os chamados de *inspiração*, até os pequenos e triviais, que, no homem, classificamos de *distracções* ou *inconsciência*, e, nos animais e no homem, de actos instintivos.

Como são tantos e tão variados, figuram agrupados em *subjectivos* e *objectivos*, *espontâneos* e *provocados*, de *vidência* e de *mediunidade*, com *vidência de presente*, de *passado* e de *futuro*, e com *mediunidade falante*, *escrevente*, *pictórica*, *curadora*, *telequinésica*, de *materialização*, etc.. Ainda não se conseguiu a sua verdadeira classificação integral, por espécies e grupos bem característicos; e as suas divisões mais usuais são comparáveis às que fariamos dos minerais em sólidos, líquidos e gasosos, com subdivisões em metais, pedras e combustíveis, cristalizados, cristalinos e amorfos.

2. — Pelo menos, desde Kardec que se vem assinalando uma divisão fundamental; e que se tem acentuado, desde Richet e Geley. Hoje, é bem recebida e pode-se estabelecer e firmar. Kardec estabelecia fenómenos *intelectuais* e *físicos*; Richet, *criptestésicos* e *telequinésicos*; Geley, de *lucidez*, e de *ectoplasma*. E, real e verdadeiramente, todos os fenómenos estudados pela Metapsíquica terão de ser, em metagnósicos, ou metaplásmicos, em complexos dum e outro; porque toda a acção da alma, normal ou supranormal—explicável ou inexplicável em Física, Biologia ou Psicologia clássicas—se reduzirá a es-

tes dois géneros superiores e integrantes: *conhecer* e *fazer*.

Tudo é *fazer*, no sentido de *agere* (*actuar*), e o mais simples pensar é *acto* de alma; e tudo é, também, *conhecer*, no sentido de *sapere* (*saber*), conhecimento para um fim, visto que no officio mais manual há *saber*, pois não se sega sem destreza, nem se brita pedra sem arte.

Não há, pois, divisória entre conhecer e fazer; mas há polaridade da acção psíquica em perceber e obrar. Todos entendemos e confessamos que o nosso conhecer consiste em receber qualquer acção exterior que nos inteira de alguma coisa e nos dá elementos, ou, pelo menos, excitação, para, em reacção vital, agir sobre alguma coisa exterior à alma, ainda que seja o próprio corpo. O conhecer ou perceber é *impressão de fora*, e o fazer ou operar é *expressão de dentro* de nós.

3. — Ora bem: conhecimento é, em grego, *gnosis*; e, se lhe antepusermos a preposição *meta*, que significa *mais além de*, teremos a palavra *metagnósis*, para exprimir, com propriedade, toda a parte ou polaridade percipiente de fenómenos que estão além do alcance dos sentidos e do discurso, fundado nos seus informes.

E poderíamos escolher a voz grega *praxis*, que significa *operação*; e, com a mesma proposição anteposta, teríamos a palavra *metapraxis*, para nomear qualquer outra polaridade de factos que estão para além do poder da nossa actuação consciente sobre a matéria. Mas, como os fenómenos de operação que estudarmos cientificamente hão de consistir em efeitos perceptíveis pelos nossos sentidos,—directamente ou através de aparelhos—não heverá inconveniente em preferir a voz componente *plasma*, que significa *modelação*, *formação*; porque não pode haver efeito *físico* sem influxo sobre matéria, modificada e manejada, já mecânicamente (*levitação*, *telequinésia*, *apedrejamentos de espíritos* *brincalhões*), já fisicamente (*raps*, *música*

sem instrumentos), já *quimicamente* (extras e ectoplasmas), já *alquímicamente*, isto é, com desintegração e reintegração de substâncias, como nos *apports*. Nunca um fenómeno supranormal de fazer, *se fôr observável*, deixa de ser efeito sobre matéria ou qualidade materiais, nem poderá ser, imprópriamente, chamado *metaplásmico*, visto que não é *ectoplásmico*.

4. — Mas o facto metapsíquico costuma ser composto, ou duplo. Haverá puras metagnosias e puras metapasmias; mas, fundamentalmente, o fenómeno bem observado, oferece ambas as polaridades. Assim, a não rara vidência dum agonizante é metagnosia no sujeito que vê a sua figura e ouve a sua voz, e é metaplasma na alma desencarnante, que forma e modela a figura ou a voz, no sentido do vidente.

De modo que a divisão prática é trina: factos metagnómicos, metaplásmicos e compostos, ou duplos.

Quanto às subdivisões, parece que o estudo deve ordenar-se pelas condições de crescente anormalidade apreciável do sujeito, em que se observa o fenómeno. Assim, parece que deve começar-se pelas manifestações supranormais no adulto são e vigil; que as sucessivas analogias devem estudar-se na criança no uso da razão, no infante, no surdo-mudo e cego-mudo, no animal doméstico, ou bem observável...; e as sucessivas complexidades no adulto ou na criança adormecidos, em sono natural, sonambúlico, hipnótico e de transe, nos delirantes febris, por possessão, por agonia, nas afecções de dupla ou múltipla personalidade, nas bilocações e demais casos de afrouxamento dos laços de alma e corpo.

5. — Vamos, pois, considerar somente alguns grupos de manifestações supranormais de *adultos em vigília*, cuidando muito menos da sua enumeração, que da sua caracterização possível, ou, seja, do *seu conceito*. É o objecto deste trabalho.

Em tal ordem de fenómenos, entram os menos estudados, por serem diários ou triviais: os *impulsos* e pressentimentos, que todos temos algumas vezes; as simpatias ou antipatias instantâneas e definitivas com outra pessoa; os embelezamentos daquele que medita, contempla, ou, simplesmente, descansa de fadiga física; as recordações súbitas de coisas esquecidas, talvez há muitos anos; os súbitos impulsos de determinação não raciocinada; os *eurekas*, ou súbitas resoluções que achamos numa dificuldade que

nos desassossega;... vinte minudências que todos achamos *estranhas*, mas que não estudamos com sistema e são, a-pesar-de tudo, — se me é permitida a comparação — a *histologia* do estudo metapsíquico, o *celular* dos fenómenos supranormais, pelos quais algum dia deverá começar a sua exposição metódica, como a Biologia começa pela das células.

Mas também entram fenómenos menos comuns, estudados há muito tempo, embora ainda não entendidos. Refiro-me aos de reconhecimento, como de alguma coisa já conhecida, de lugares, coisas ou pessoas que se vêem pela primeira vez. Refiro-me às atitudes excepcionais, de engenho e de índole, que fazem a maravilha do sábio, do santo, ou do herói, ou a monstruosidade do idiota, do feroz ou do perverso. Refiro-me às inspirações do inventor, do escritor ou orador, do artista ou cientista genial, que mais acertam, quando menos se esforçam, segundo o seu próprio testemunho. Refiro-me às variadíssimas vidências, ou à lucidez em estado vigil, aos desdobramentos voluntários ou involuntários, também vigis ou semi-vigis...

Percorramos alguns grupos desta ordem extensíssima, procurando caracterizá-los e conceituá-los numa respectiva espécie insignificante, ou mais explicável.

6. — Todos conhecemos, não já o dito, mas o caso do *ruím de Roma*... Porque é e como é que, falando do amigo que não vemos há semanas, ou há meses, ele nos aparece, imediatamente?

Que, pelo menos, há no caso metagnosia, notícia não sensorial da proximidade do amigo, eis do que não posso duvidar.

Veja-se um caso anotado nos meus papéis, precisamente no dia em que me succedeu.

«Em 16 de Agosto de 1916, estava eu em Madrid, de passagem para Pamplona: tinha chegado de Cádiz em 25 à tarde e devia sair na manhã de 27.

«Cerca das 13,30, como de costume, fui almoçar ao meu restaurante. E ao entrar na sala de jantar, vi, sentado, um comensal meu, homem dos seus quarenta anos, pintor e músico amador, antigo empregado bancário e então estudante da carreira comercial, cujo grau de *Professor* tomaria no mês seguinte. Não nos víamos desde 17 de Julho anterior, quando eu saí para Cádiz.

«Depois de nos cumprimentarmos com efusão disse-me, entre sério e sorridente, que havia um pouco que estava pensando profundamente em

mim e que a minha chegada tão rápida o surpreendera imenso. Várias vezes, enquanto almoçávamos, falou no caso; e tendo saído juntos para o café, segundo o nosso costume, recaíu, de novo, a conversação no assunto e resolvemos tomar nota do caso, por escrito, com suficientes pormenores. Assim o fizemos no Café, em duplicado.

«Quando principiou a comer, lembrou-se de mim; voltou a lembrar-se, quando a refeição estava em meio; e lembrou-se pela terceira vez, na altura em que eu entrei na casa de jantar, que foi o que o deixou suspenso.

«A lembrança nada tinha de inquietação, nem receio: era grata e prazenteira. Não se via motivo especial para isso. Dias antes, comendo com um terceiro comensal nosso, empregado público, tinham falado os dois da minha ausência; mas havia uma semana que estoutro amigo faltava também ao restaurante, por ter ido passar as férias à Corunha. A lembrança não viera por associação com a daqueles dias anteriores: tinha vindo, sem motivo, nem ocasião, absolutamente clara.

«Era memória tranqüila, de confiança e agrado, com cujo *ritornello* se entretinha a sua mente enquanto almoçava sozinho.

7. — Vamos a um outro caso, anotado um dia após o ocorrido.

«No sábado, 10 de Julho de 1926, no Ferrol, tinha combinado com um bom amigo *estar às 16 horas na sua farmácia, a-fim-de sairmos juntos, de carruagem, para o campo, a uns dez quilómetros da cidade.* Tínhamos combinado na véspera e devíamos fazer a viagem num trem, pesado e forte, que eu conhecia muito bem.

«Eu não tomara nota da combinação; e succedeu-me que a esqueci por completo no sábado e que às 15,30 me deitei na cama, para repousar um pouco, em virtude do grande calor que fazia.

«Não dormia, mas pensava em certas experiências espiritas que presenciara, quatro dias antes.

«Interrompendo e cortando, de improviso, todas as minhas reflexões, lembrei-me da combinação. Tirei o relógio. Eram 16 horas e seis minutos. Saltei da cama, troquei as chinelas por calçado forte, a-fim-de sair, sem demora.

«Nisto, oiço um ruído longínquo de veículo que parecia entrar na minha rua, então mal empedrada. E pensei, acto contínuo: «aquele é o carro».

«Peguei no chapéu e na bengala, sem ver de

que veículo se tratava. Mas não tive dúvida, quando vi que parava à porta da casa.

«Segundos depois, bateram no trinco. A criada abriu e conheceu a voz do filho mais velho do meu amigo, a dizer que o carro estava à minha espera... Desci, imediatamente, à rua, subimos para o carro e seguimos para a farmácia, que ficava a uns trezentos metros de distância.

«Ao chegar, olhei para o relógio de parede da farmácia. Eram dezasseis e vinte. Consultei o meu e vi que estava nas dezasseis e quinze. Seguidamente, perguntei ao meu amigo a hora exacta, a que havia mandado o aviso. Entre êle e o filho conseguiram precisar que fôra às dezasseis e cinco, ou seis, pelo meu: dentro do minuto em que eu tinha lembrado a combinação».

8. — Apliquemos a êste caso, que é fácil, o cálculo de probabilidade, embora estes cálculos sejam sempre difíceis de delinear: tanto, como de fácil resolução.

Os seus factos substanciais são quatro: a minha lembrança súbita, o meu pensamento repentino: «aquele carro», a coincidência de um minuto na lembrança com a ordem de ir buscar-me e a coincidência, também, dum minuto, do meu pensamento, com a entrada ruídosa do carro na minha rua.

O habitual e ordinário é que uma combinação não lembrada várias vezes antes da sua hora, se esqueça inteiramente. Suponhamos que assim suceda, dez vezes, em nove; e a probabilidade da lembrança súbita será de $1/10$.

Aquela hora, poucos veículos costumavam circular na minha rua; mas, enfim, admitamos que aquele ruído distante do veículo pesado provinha de cinco veículos diferentes. Probabilidade de que fôsse do landó: $1/5$.

O meu amigo podia simplesmente aguardar-me, ou mandar alguém a avisar-me: probabilidade, $1/2$. E suponhamos agora que a sua cortesia de espera fôsse de 25 minutos, entre as 16 e 17 (espera mínima) e as 16,30 (espera máxima). Portanto, probabilidade da sua ordem e a minha lembrança, coincidindo num minuto: $1/2 \times 1/25 = 1/50$.

Emfim, probabilidade de coincidir, também, num minuto, a entrada do carro na minha rua com o meu primeiro pensamento: ponhamos $1/10$, pois eu podia ter-me fixado ou não no ruído longínquo, e atribuí-lo a cinco veículos diferentes, se me fixasse.

Logo, probabilidade de que, porventura, tenha sucedido todo o caso:

$$1/10 \times 1/5 \times 1/50 \times 1/10 = 1/25.000.$$

Quere dizer que seriam necessárias 25.000 combinações descuidadas por mim, para que o caso se pudesse dar. Mas, o caso é que nem 1.000, nem 100, nem 50 vezes me descudei e lembrei súbitamente, em tôda a minha vida.

Logo, não posso crer, nem dizer, razoavelmente, que o acontecimento fôsse *casual*. Se não foi casual, foi *causado*; e, então, a causa teve que ser *conhecimento*, *notícia* qualquer, do acto de ordenar e do acto de executar o envio do carro.

9. — Ensaieemos cálculo similar, no caso do restaurante:

Os factos simples integrantes parecem, também, quatro: lembrança, da minha parte, do meu amigo; lembrança condescendente; lembrança insistente, segunda e terceira vez; e coincidência, pela terceira vez, com a minha entrada na sala de jantar.

Não parece possível estabelecer o número de atenções (lembranças, imaginações, propósitos do dia) que podem ocorrer a um homem, enquanto almoça sózinho, à mesa dum restaurante. Em meia hora (que ali estaria o meu amigo, pois cheguei, quando elle estava na sobremesa), não chegarão a vinte, mas estas 20 podem ser quaisquer 200 ou mais.

A-pesar disso, suponhamos 100. Probabilidade do 1.º facto: $1/100$.

A lembrança podia ser cavilosa ou indifferente, assim como foi prazenteira. Ponhamos somente essas três classes. Probabilidade: $1/3$ por uma vez; mas tendo-se repetido segunda e ter-

O meu amigo podia esperar-me na segunda quinzena de Agosto; visto eu ter-lhe anunciado, ceira vez, a probabilidade será $1/3 \times 1/3 \times 1/3 = 1/27$ um mês antes, que passaria em Madrid naquela data, a-fim-de seguir para Pamplona, com demora dum dia. Por isso, a probabilidade de nos encontrarmos no restaurante no dia 26 de Agosto (cheguei na tarde de 25, repito; mas eu, havia dez anos, que tinha o costume, que ainda conservo, de não cear), seria $1/15$.

Finalmente, a minha hora de almoçar era às 13,30, com quinze minutos de oscilação, entre uns cinco antes e uns dez depois. Ponhamos, assim, $1/15$ por probabilidade do minuto de coincidência.

Resulta probabilidade integral de $1/100 \times 1/27 \times 1/15 = 1/607.500$.

Logo, de 607.500 vezes que o meu amigo al-

moçasse no nosso restaurante habitual (o que é impossível), numa só vez se poderia explicar, por acaso, o sucedido. Logo, a questão não se explica por acaso, senão por causa próxima; e não há outra adequada e suficiente, a não ser qualquer metagnose ou conhecimento supranormal do meu amigo de que tencionava, depois da uma hora, ir ao restaurante; de que eu, minutos mais tarde, ia para lá; de que entrava em casa... até me apresentar na sala de jantar, à sua vista.

10. — Ambos os factos pertencem ao grupo de *telepatias*, nome que significa *penas de longe*, que se deu, a princípio, aos mais impressionantes — não os mais comuns — destes fenómenos, ou seja aos pressentimentos de desgraça, angústia ou perigo dum ente querido ausente. *Telestesia* seria nome genérico melhor, porque só significa *sentir de longe*.

Mas, à parte o nome, o conceito que de todos elles devemos formar é de comunicação affectiva directa de mente humana a mente humana, sem informe, nem mediação de algum sentido. E dizemos comunicação *affectiva*, ou sentimental, visto que o fenómeno, quando é de pensamento claro e exprimível, muda de espécie.

Ignoramos o como de tal comunicação directa, mas concebemo-la, à semelhança da telegrafia sem fios. A mente comunicante promoverá em qualquer parte do cérebro emissões de ondas como as hertzianas, as quais passarão por milhares de outros cérebros sem os impressionar, por falta de sintonização, mas chegando sempre a alguns que as recebem. Ignora-se qual seja o órgão cerebral emissor e receptor. Há muito que os mestres orientais, e outros, ensinam que esse órgão é a *glândula pineal*, uma partícula ou proeminência no mais recôndito do encéfalo. Não se sabe ao certo.

Seja como fôr, há no fenómeno quem *conhece* e quem faz, há metagnose e metaplasma. O fazer será de difficil observação, porque a mente comunicante não deve ter consciência dos seus meios, nem dos seus fins; mas nalgum trabalho ela estará ligada a qualidades materiais, como na emissão das ondas hertzianas. Nada se proporá o sujeito, nem terá consciência do que faz; todavia, algum desejo, alguma dor, contentamento ou júbilo se emitem, indubitavelmente, no acto telepático.

Um dia, na antiga Roma, é relato escrito de velha tradição que as mulheres saíram para as ruas, chorando a desgraça dos seus maridos, filhos ou irmãos, numa batalha longínqua. E o

Bibliografia

NOTRE DAME DES NEIGES, por *Gabriel Gobron*. — Editions Ambriorix. Rethel. 326 pág. 15 francos.

○ BRA de cunho acentuadamente regionalista, «Notre Dame des Neiges» sub intitulada «História duma família de padeiros» é constituída por uma série de quadros, em que o estilo incisivo do autor por vezes fulgura em estranhos revérberos. Nessas páginas altivas, nervosas, revolucionárias, paira a alma lorena, livre de peias, sentimental e viril, aventureira e tenaz, profligando as injustiças do mundo como quem tem grande missão e cumprir, através dos séculos e dos milénios.

O editor parisiense, a quem a obra foi apresentada, recusou-se a editá-la. Realmente, o livro não tem definição fácil. Não é romance, nem biografia, nem novela, nem conto. É, emfim, um «caso», exposto com mão de mestre, que sabe empolgar o leitor, em capítulos, como «Douleur sur le monde», que não mais se esquece, tão profundamente humana é a evocação, que ali se faz, da grande guerra, com suas truculências e horrores. É um «caso», o caso dos Gobrons, que nas Ardenas se instalaram e ali formaram honrada dinastia de padeiros, de 1812 até hoje, sempre com o mesmo espírito empreendedor, afer-

desastre foi uma realidade. Há que pensar que muitas ou algumas daquelas mulheres perceberam o sentimento de despedida ou de dor que, a cada uma, dirigia o seu suposto moribundo ou entristecido...

Da mesma forma, quando me lembrei, subitamente, da minha data, era que o ânimo do meu amigo me avisava com a sua energia e intensidade de desejo. E, pelo contrário, quando o meu outro amigo se lembrava de mim, era que eu, sem pensar em fazer coisa alguma, e ainda sem deliberado querer, emitia desejos prazenteiros de o encontrar à hora do almoço, desejos que êle recebia, espontaneamente e de-veras agradecido.

rados ao solo querido da pátria, a-pesar das inclemências da invasão germânica que, durante cêrca de meio século, os manietou.

Gabriel Gobron demonstra, neste livro, que tem garra de estilista e sabe fazer vibrar intensamente as fibras do coração humano, quando defende os inocentes contra a sanha intempestiva dos injustos e orgulhosos. Mas, tão depressa se ergue de espada em riste, em atitudes de mata-moiros, como discreiteia àcêrca de seus sonhos de idealista, que no Espiritismo encontrou motivos de luta pelos nobres ideais de fraternidade e de justiça. Gabriel Gobron não é truculento, nem vingativo. É um verdadeiro pensador que obedece, não raro, aos impulsos do seu espírito e sofre por não ver a sociedade modificada, erma de imperfeições, de modo que o homem não continue a ser lóbo do homem.

Eis, porque «Notre Dame des Neiges» é um verdadeiro documento psicológico que o leitor deve registar com interêsse.

Valentim Bresle, que escreveu o prefácio, diz, referindo-se à obra, que «é a expressão transbordante dos repêlões sociais de muitas gerações que se manifestam em Gabriel Gobron», acrescentando que o autor reúne ali todos os «hereditarismos acumulados, desde as injustiças sofridas, aos sonhos irrealizados». E assim parece, com efeito.

É-nos impossível especificar êste ou aquele capítulo. Basta dizer que todo o livro nos deixou a mais bela das impressões. Todavia, sempre diremos que a abertura e o fêcho do livro são documentos magníficos. Principalmente o fêcho, intitulado «Petit cimetière de village», em que descreve a morte de seu pai, de maneira emocionante.

A Gabriel Gobron, escritor verdadeiramente singular pela forma e escôlha dos assuntos, os nossos parabens. O autor consagrado das «Histórias Lorenas» pode juntar esta obra à dezena que já publicou e ficar certo de que escreveu um bom livro. Isto lhe bastará, para continuar a trabalhar como sempre, na grande seara das letras.

Set/Out/39

Comunicações Supranormais

Pelo coronel Faure da Rosa

I

Primeiras experiências de investigações Psíquicas em Londres

A propriedade do conhecimento supranormal pertence a toda a criatura humana. Há pessoas, e não são raras, nas quais esta propriedade pode ser solicitada quando se quiere. Embora o seu exercício correcto seja de realização aleatória — porque muitos factores de perturbação lhe comprometem os resultados — quando se lhe sabem respeitar as necessidades, torna-se capaz dum estudo progressivo à semelhança das outras faculdades humanas.

A propriedade do conhecimento supranormal existe em tão forte tensão na humanidade que, de todos os lados, se vê borbotar na ocasião de acontecimentos especiais, geralmente graves. Se acontece falar-se, em reuniões, de factos desta natureza, é frequente que uma ou muitas pessoas tenham um ou muitos casos a relatar, dos quais ou foram «sujets» ou testemunhas (1).

Em 1875, Oliver Lodge, (2) então homem moço, ensinava mecânica na *University College*, de Londres. Entre os alunos mais velhos figurava um rapaz que Lodge notou pela regularidade da frequência e a inalterável atenção com que o escutava. Informando-se, Lodge veio a saber que o rapaz se chamava Edmond Gurney e se dedicava ao estudo da música, isto é, ao estudo das relações da música com a ciência, acerca do qual já escrevera uma obra intitulada «O Poder do Som».

Atraídos por mútua simpatia, Lodge e Gurney encontravam-se repetidas vezes. Gurney preparava, então, um livro que, mais tarde, appareceu com o título de «Fantasmas dos vivos».

Supôs, Lodge, a princípio, que se tratava, apenas, duma colectânea de histórias do outro mundo sem significado maior.

Pretendia, Gurney, nesse livro, que a impressão muito viva sofrida por uma pessoa, tinha o

poder de se reflectir e de ser recebida a distância por outra pessoa dotada de sensibilidade adequada; de tal maneira que, quando acontecesse uma tragédia a uma criatura humana, informações dessa tragédia podiam ser transmitidas a um dos seus parentes, ou qualquer outra pessoa interessada que possuísse condições receptivas e estivesse em tranquillidade. Essa pessoa denominada *percipiente*, seria directamente impressionada por um fluído mental desprendido da vítima da tragédia, que, assim, poderia agir inconscientemente como *agente*. O *percipiente* sentiria, então, uma impressão intensa e poderia, até, ver, ouvir ou sentir o *agente* na sua presença, embora o *agente* estivesse a uma distância tal que excluísse a idéa dum meio normal de comunicação.

Pensava Gurney que dêste modo se poderiam explicar as numerosas lendas de aparições de fantasmas, quer em sonho quer em vigília, e que não havia em tais manifestações mais que simples impressões neutrais ou alucinações, todavia verídicas, correspondentes aos acontecimentos produzidos, simultaneamente, em qualquer parte.

Lodge não se mostrou inclinado a aceitar aquela teoria que teve na conta de superstição sem nenhuma base; mas, ao mesmo tempo, sentia-se impressionado com a seriedade e a enérgica convicção de Edmond Gurney.

Nessa ocasião, Gurney apresentou a Lodge um outro antigo aluno de Cambridge: Frederic Myers, o qual lhe disse que era colaborador de Gurney e que estudava a questão quasi sob o mesmo ponto de vista.

Nessa época, ambos êles — Gurney e Myers

(1) — Dr. E. Osty — Rev. Metapsychique, n.º 5 de 1933

(2) — Oliver Lodge — Souvenirs

— e o professor Barritt, de Dublin, faziam experiências de transmissão de pensamento, de tempos a tempos, em pessoas particularmente sensitivas. Barrett ficou tão impressionado com o resultado das experiências que, em 1876, apresentou uma comunicação na *British Association*, reunida em Congresso, então, em Glasgow. Barrett foi ouvido com desdém pelos membros do Congresso e a comunicação nem sequer foi mencionada no relatório anual da *British Association*.

Com a cooperação de Henry Sidgwick, da Universidade de Cambridge — outro professor que, pelos seus trabalhos, ninguém podia acusar de imaginativo — Gurney, Myers e Barrett fundaram uma sociedade, em 1882, a que deram o nome de «Sociedade de Investigações Psíquicas».

Em 1883 apareceu em Liverpool um tal Iving Bishop que atraía a atenção do público com a exibição do que elle chamava «experiências de transmissão de pensamento». A principal experiência consistia em escolher um dos assistentes e dizer-lhe que escondesse um alfinete em qualquer parte da sala, sem elle, Bishop, ver; depois do que pedia ao mesmo assistente que pensasse no lugar em que tinha colocado o alfinete. Então, Bishop pegava-lhe na mão; e, sem que o assistente o guiasse, conscientemente, conduzia-o ao local em que o alfinete fôra escondido.

Muitas variantes destas experiências se fizeram; mas Myers, Barrett e Gurney não se deixaram impressionar com a discrição dos jornais. Para elles tratava-se, apenas, dum caso de sensibilidade muscular: o percipiente, em contacto com o agente, seria guiado pelas suas contracções musculares inconscientes, indicativas da direcção do objecto, não havendo, portanto, nenhuma transmissão de pensamento. Bishop afirmava o contrario: era o percipiente quem, involuntariamente, conduzia o agente ao esconderijo.

Estas experiências foram muito faladas e numerosas pessoas procuraram saber se alguma coisa de sério ali haveria. Entre outros, alguns empregados da firma Georges Henry Lee & C.^o de Liverpool, tentaram experiências idênticas.

Salientaram-se duas raparigas especialmente susceptíveis de obterem bons resultados. O chefe da firma, Malcolm Guthrie, informado do que se passava, contou o caso à Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, que lhe aconselhou a realização de novas experiências de transmissão de pensamento, as quais vêm relatadas

no volume I das Experimentações da S. P. R., de Londres.

Guthrie, entusiasmado com os resultados, dirigiu-se à Universidade, pois desejava que autoridades científicas examinassem os factos. O Dr. Herdman, biologista, e Lodge, físico, aceitaram o convite e organizaram uma série de experiências, onde se tomaram tôdas as precauções.

Lodge convenceu-se, gradualmente, de que a faculdade de transmissão de pensamento, a que Myers dera o nome de *telepatia*, era realmente uma faculdade possuída por certos indivíduos e que as informações, assim, alcançadas, eram independentes de qualquer indicação sensória: a velha hipótese de Edmond Gurney acêrca dos fantasmas dos vivos, estava, pois, plenamente justificada.

Verificada, assim, a realidade de telepatia, Frederico Myers argumentava que, se uma inteligência podia actuar noutra inteligência sem intervenção dos sentidos ou de quaisquer outros órgãos do corpo, a possibilidade da sobrevivência, sem aqueles órgãos, tornava-se possibilidade. Se o espírito podia agir sem se servir do corpo — raciocinava Myers — igualmente poderia sobreviver sem o mesmo corpo; portanto, a independência da alma e do corpo era uma hipótese muito plausível. Lodge foi mais longe: desde que entre os viventes na Terra a telepatia estava provada, entre os viventes no Além, os chamados «mortos», também era possível.

«A alma é um laboratório sempre em actividade onde a matéria prima fornecida pelos sentidos é transformada em sensações, em imagens, em ideas. (1)»

E como se opera essa maravilhosa síntese?... É esse o grande mistério.

«Os físicos contemporâneos dizem-nos que a matéria se reduz, em última análise, a corpúsculos, a electrões, a centros de forças, duma tal subtiliza de estrutura, que, ao pé dêles, o átomo é já um sistema solar em miniatura. Como é que êsses elementos ínfimos, essas formas imponderáveis da energia, depois de terem forçado a porta dos nossos sentidos, de terem caminhado ao longo dos nossos nervos, se transformam em estados de alma?...»

«Como é que elles criam o panorama da nossa vida interior? Por que processo, não menos miraculoso, êsses mesmos estados de alma tornam pelo caminho percorrido ao longo dos filetes

(1) — Edmond Wietrich — «Manifeste du Spiritualisme mental». — «Le Mystère du Sixième Sens».

nervosos e vão exteriorizar-se no espaço e aí instalar os múltiplos aspectos da nossa contemplação, o cadeidoscópio do mundo exterior?...

«É este o grande segredo, tão grande que se nós o possuíssimos tornar-nos-íamos senhores da criação. É mais do que o segredo dos deuses, porque é segredo de Deus, isto é, do Espírito...

«O que dora avante fará a força probatória do espiritualismo é que, com a metapsíquica, ele tornou-se experimental».

A palavra *metapsíquica*, criada por Charles Richet, designa, etimologicamente, a existência do domínio da sensação e do pensamento estendendo-se para além do limite do psiquismo ordinário, palavra que os alemães substituíram por estoutra: *parapsicologia*, que significa exactamente o mesmo.

«A metapsíquica é uma ciência no sentido rigoroso do vocábulo, isto é, um método de trabalho baseado na observação e na experimentação e cujo fim é descobrir o determinismo dos fenómenos psíquicos com o auxílio das respectivas reacções bio-físicas e da sua equivalência mecânica. Noutros termos mais simples: esta ciência tem por fim evidenciar o homem invisível com o auxílio de factos positivos ainda mal definidos e que, precisamente, tem por missão elucidar.

«A metapsíquica já nos deu esta revelação sensacional: *há em nós uma actividade supranormal que se exerce num plano transcendente e escapa às categorias do nosso entendimento, plano independente do nosso sistema sensorio-motor e do tempo e do espaço, ou que age, pelo menos, numa outra economia do tempo e do espaço.* (1)

A metapsíquica fez a prova da acção imensa do psiquismo humano sobre o corpo, isto é, do Espírito sobre a matéria, prova tão exuberante que levou o Dr. Osty a escrever: «Se se soubesse aproveitar o estado especial de certas pessoas produtoras de fenómenos psíquicos supranormais, talvez se conseguisse, às vezes, imprimir ao organismo doente a actividade precisa para o pronto regresso à saúde...»

Não obstante, uma grande parte, senão a maior parte, dos «sábios oficiais» continua a negar a influência do espírito sobre a matéria, unicamente porque tem havido, e certamente há, fraudadores.

Como se noutros ramos do saber humano não tivesse havido sempre, não haja sempre, embustes, fraudes e charlatães.

Quer se trate de telepatia, clarividência, pre-

monição, quer de qualquer outra das múltiplas formas da mediunidade, o desejo de comunicar não é igual em todos os homens. Tanto cá como lá, a maior parte, uma vez verificado que a sua preciosa personalidade está abrigada, cai na indiferença acerca do destino daqueles que ficaram atrás de si. Nem doutra maneira podia ser, sabido que o fenómeno da morte em nada modifica as qualidades dos que partem para o Além.

A experiência parece demonstrar-nos que o conseguimento de comunicações nem sempre depende da nossa vontade, visto as faculdades objectivas e subjectivas variaram extremamente de indivíduo para indivíduo. Acontece até que aqueles a quem mais desejamos conhecer e verificar a identidade, são, precisamente, os que têm dificuldade em fornecer-nos provas convincentes.

O êxito das experiências depende, em grande parte, do ambiente criado pelos próprios experimentadores, cujas radiações devem ser harmónicas entre si, com as dos médiuns e com as dos Espíritos. A protecção duma entidade elevada é indispensável para obter bons fenómenos intelectuais e até para dirigir e manter os espíritos produtores de fenómenos físicos que, geralmente, pertencem a ordem inferior, de contrário as sessões ficam entregues a influências más, contraditórias, às vezes abundantes em mistificações (2).

O Dr. Osty entende que só são de aceitar os factos em que os «sujets» revelem da vida duma pessoa, há mais ou menos tempo morta, aquilo que nenhum vidente possa saber de memória ou conhecer pela percepção sensorial normal, onde quer que esteja no momento da experiência, e assinala que são extremamente raros os factos desta espécie concretamente certificados.

É de estranhar que não se esclareça o modo de concretamente certificar factos desconhecidos de todo o vidente revelados por um médium. Como se comprovam tais factos? Quem pode garantir-lhes a exactidão?

Os metapsiquistas pretendem que as informações obtidas pelos sensitivos são adquiridas não na personalidade dos mortos — que, assim, sobreviveriam integralmente — ma sem alguns resíduos informes que restem da personalidade desaparecida e que — segundo eles — estão destinados a desaparecerem também. Por outras palavras: os metapsiquistas entendem que em *qualquer parte* e sob *qualquer forma* subsiste a me-

(1) — Michel Sage
(2) — Léon Dénis

Por esse mundo...

— Segundo um telegrama de Estocolmo, publicado em *Constância*, de Buenos Aires, o astrónomo sueco Gustavo Stroomberg, do observatório americano de Mount Wilson, declarou que vai publicar uma obra, em que provará, cientificamente, a imortalidade da alma, e afirmou que o prof. Einstein, que leu o manuscrito, aprovou a tese ali desenvolvida e os argumentos expostos.

— O sr. G. Huth publicou um artigo na revista alemã *Das Neue Licht* a respeito da re-materialização de substâncias queimadas, obtidas no grupo a que pertence. A dar crédito à notícia, ter-se-iam conseguido rematerializar cerca de cinquenta páginas queimadas. A restauração foi completa e sem margens crestadas. Contudo, nalgumas experiências o êxito não foi completo, pois as páginas apresentavam os bordos queimados.

— Em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, está a construir-se o maior hospital espírita do mundo. Tem a superfície de cinco hectares e possui cem salas para alienados e outros doentes. Toda a cidade e o próprio interventor federal estão interessados nesta obra grandiosa.

— A «Hora Espírita Radiofónica», que no Rio de Janeiro é difundida semanalmente e concitou ataques cerrados dos médicos alópatas brasileiros, a ponto de enviarem representações ao governo da nação contra a «praga do espiritismo pela rádio», continua a dar que falar. Assim, para esgarmento de seus opositores, a «Hora Espírita» vai ser ampliada com a distribuição de folhetos mensais, contendo todo o programa das irradiações.

— O grande escritor espírita Ernesto Bozzano foi presenteado com uma medalha de ouro e um album cheio de assinaturas, oferecido pelos Drs. Boni e Quarantorsi.

mória das vidas individuais. Ainda assim, não ficamos mais adiantados acerca do modo de *certificar concretamente* factos desconhecidos de todos os viventes, por um deles revelado: o médium.

Também é para estranhar que cientistas de tanta responsabilidade como era o Dr. Osty, se satisfazam com as expressões vagas «qualquer parte» e «qualquer forma», para explicar a proveniência das comunicações supranormais, e isto, simplesmente para arredar a hipótese da imortalidade da alma e da sobrevivência da personalidade.

— O eminente físico inglês e espírita da vanguarda Sir Oliver Lodge, fez há pouco 88 anos e continua a pensar e a escrever, demonstrando que o Espiritismo, em vez de enlouquecer, conserva...

— Reorganizou-se em Paris a Sociedade de Estudos Psíquicos, cuja direcção ficou assim constituída: Andry-Bourgeois, engenheiro de minas e da Escola Superior de Electricidade; Dominicq, Tournassat e a senhora Cheret. As experiências foram confiadas ao engenheiro Gresac.

— Desencarnou o general José Peter, notável propagandista espírita alemão.

— Num cemitério de Caracas (Venezuela) encontra-se este curioso epitáfio:

«Cristina — Dormes o sono eterno, querida filha... Mas, ao recordar-te, lembra-nos que a tua alma foi o raio de sol com que Deus acendeu em nós a esperança. Quiseste retomar o caminho do Céu. Lembra-te, pois, que, ao partir, disseste que depressa reencarnarias. Não nos esqueças, a nós, que te choramos e te esperamos».

— O Dr. Inácio Ferreira, que tem desenvolvido enorme actividade na imprensa, em defesa do Espiritismo, quer dirigindo-se aos seus colegas médicos, quer aos cientistas e a todas as pessoas de boa vontade, acaba de ser nomeado Director do Sanatório Espírita de Uberara, onde desempenhava, há cerca de quatro anos, o cargo de Director médico.

— Segundo informa Luiz Enrich, em *Constância*, de Buenos Aires, o actual presidente dos Estados Unidos da América do Norte, sr. Roosevelt, aprecia muito os seus conselheiros ocultistas. Um deles é membro do «trust» dos cérebros. É professor de matemática e possui grandes faculdades de clarividência.

— Aos amigos esperantistas que se interessem pelo assunto, damos a notícia de que a Federação Espírita Brasileira acaba de lançar uma edição de *algibeira* do Novo Testamento, ao preço de \$500.

— Numa revista alemã, o sr. Cecilly Mermes escreve o seguinte, a-propósito da «ressurreição da carne» e para demonstrar que a Alemanha não admite a reencarnação: — Sendo o alemão de raça superior, há de reencarnar em russo, tcheco ou judeu?»

— Os famosos editores londrinos G. Bell & Sons resolveram publicar os relatos da Sociedade inglesa de Investigações Psíquicas, intitulados «Proceedings» (Actas), riquíssima colecção de mais de 200 volumes de factos psíquicos e espíritos, verificadas sob o mais rigoroso controlo.

Espiritismo Experimental

pelo dr. Pedro Dias de Sousa

EM Espiritismo, a experiência está, como qualquer outra, subordinada a métodos e condicionada a leis.

É evidente que não basta acreditarmos no Espiritismo para nos podermos lançar, às cegas, na sua parte experimental. E da mesma forma que somos unânimes em reconhecer que não é possível conseguir resultados satisfatórios quando fazemos manipulações químicas ou experiências de física alheios às regras próprias de cada uma, desrespeitando as dosagens, a temperatura, a pressão, etc., também devemos convir, sem dificuldade, que as forças e as inteligências que em Espiritismo experimental são causa dos fenómenos, não podem agir, na produção deles, fora de todo e qualquer método e disciplina.

Querer investigar, seja em que campo fôr, sem conhecer, previamente, a origem e a marcha dos acontecimentos, é um erro cuja gravidade não é necessário encarecer. Nesse erro, porém, e com uma frequência impressionante, caem muitos daqueles que, em Espiritismo, se dedicam também à sua parte experimental.

Felizmente, velam os Mensageiros do Alto que, quasi sempre, conseguem conjurar os perigos a que a imprudência desses experimentadores os sujeita; mas o que não podem, à mingua de condições favoráveis, é evitar que a experimentação traga o cunho da banalidade e seja, portanto, sem interesse, nem resultados para ninguém.

A grande maioria das sessões de efeitos incompletos, deficientes ou nulos, deve o seu menor ou maior insucesso à falta de observância, total ou parcial, contínua ou intermitente, das condições em que os fenómenos se devem produzir.

O primeiro preceito a observar para se poder fazer Espiritismo experimental, é o de o experimentador se instruir, tão completamente quanto possível, acerca dos fenómenos que pretende obter, e erradamente procederá quem menosprezar esta indicação.

Diz Allan Kardec na Introdução ao «Livro dos Médiuns»: «A prática do Espiritismo é cercada de muitas dificuldades e nem sempre está isenta de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode conjurar».

A seguir, como condição segunda para uma boa experimentação, vem o método na orientação da fenomenologia, ou seja a adopção dum critério uniforme para a pesquisa de cada espécie de fenómenos, e compreende-se, também sem esforço, que do preenchimento desta condição dependam os resultados.

Finalmente, a elevação moral, a disciplina e a boa-fé dos experimentadores, constituem as restantes cláusulas impostas a quem, honestamente, deseje fazer Espiritismo prático.

* * *

Entre nós, salvo, talvez, nalgum Grupo Familiar orientado por espiritas competentes e composto por pessoas sinceramente desejosas de progredir espiritualmente e que compreendem a doutrina no seu verdadeiro significado e finalidade, tem-se vivido quasi inteiramente à margem de todas as condições que vimos de apontar.

É porisso, sem dúvida, que os resultados das sessões são nulos ou quasi nulos, sendo certo, também, que dos poucos fenómenos que ainda se observam, aqui e além, mais de noventa por cento não resiste ao mais benévolo controlo; uns denunciando puro animismo, outros por serem fraudulentamente provocados.

Ainda se está a tempo de arripiar caminho e de acabar, duma vez para sempre, com a desordem que tem lavrado, até aqui, nas sessões experimentais pelo que respeita à maneira como são organizadas e conduzidas, imprimindo-lhes um carácter sério e subordinando-as àquele mínimo de condições que foram apontadas.

Não oculto as dificuldades que terá de vencer quem se proponha meter ombros a semelhante empresa, e estou certo de que a anteporem-se aos seus louváveis desejos de disciplina e progresso, encontrará muita ignorância, muita inconsciência, muitos vícios inveterados e, não raras vezes, algumas más vontades.

Será com desconfiança dificilmente ocultada que os habituais assistentes verão transformações que o experimentador consciente pretende introduzir na organização e funcionamento dos trabalhos e, possuídos dum evidente «ciume» por

tudo a que estão afeitos e se procura transformar, movem-lhe uma guerra surda, mas de todos os dias, considerando, ingénua e inconscientemente que o verdadeiro Espiritismo é aquilo que costumam servir-lhes nas sessões, suficientemente espectaculosas, a que assistem.

Não transija nem desanime o experimentador devotado e consciencioso, porque o decorrer do tempo virá demonstrar de que lado está a razão, e aqueles que se opunham ou viam sem simpatia os seus processos renovadores, reconhecerão, finalmente, que eles são os mais uteis ao bem e progresso do Ideal.

Persevere o experimentador devotado e consciencioso, substitua a *quantidade* pela *qualidade*, trabalhando apenas com quem esteja, efectivamente, disposto a considerar o Espiritismo mais alguma coisa que uma distracção; com quem queira *dar muito e receber pouco*, ao invés do que actualmente sucede, e verá que, em breve, os resultados o compensarão de todos os esforços e conseqüências.

São de Léon Denis as seguintes palavras: «Os que sabem perseverar, cedo ou tarde, encontram os sólidos e demonstrativos elementos em que se firmará uma convicção inabalável». E nós acrescentaremos: perseverar com ordem, com método, com disciplina e a alma erguida para o Alto em ânsias de perfeição espiritual.

* * *

Pondo de parte, por inconscientes, tôdas as opiniões que pretendem ser o experimentalismo espirita, em tôdas as circunstâncias, um perigo para os experimentadores, e admitindo, sem reservas, que os fenómenos se produzem sempre dentro do plano superior das leis divinas, surge a questão de saber se as sessões organizadas para a sua obtenção devem realizar-se com numerosa ou com reduzida assistência.

Só quem desconheça, por completo, os mais elementares princípios sobre que assenta a experimentação espirita, pode hesitar na resposta.

Salvo casos *muito raros* de médiuns excepcionalmente preparados e desenvolvidos, a presença de um elevado número de pessoas é prejudicial à produção e boa marcha dos fenómenos.

Aconselhamos para isso, a organização de Grupos Familiares, porque «é facto, aliás provado pela experiência, que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às boas comunicações».

Esta opinião de Allan Kardec é inteiramente

perfilhada e desenvolvida por Léon Denis no seu livro «No Invisível». Ouçamos a sua voz autorizada: «Os grupos pouco numerosos e de composição homogénea são os que reúnem as maiores probabilidades de sucesso. Se já é difícil harmonizar as vibrações de cinco ou seis pessoas entre si e com os fluidos do espírito, é evidente, *à fortiori*, que as dificuldades aumentam com o número dos assistentes. É prudente não exceder o limite de dez a doze pessoas, de um e outro sexo, quanto possível sempre as mesmas sobretudo no começo das experiências». (1)

* * *

Aceita a indicação de que é difícil harmonizar as vibrações de muitas pessoas com os fluidos das entidades espirituais, e atenta a necessidade de que essa harmonia se estabeleça o mais íntima e rapidamente possível, permitimo-nos fazer uma rectificação que, aliás, pouco altera a opinião dos autores atrás citados.

Em nosso entender, as sessões, de princípio, não devem comportar menos de três nem mais de sete pessoas. À medida, porém, que elas se vão habituando a uma perfeita concentração e em que, portanto, as suas vibrações psíquicas se tornam cada vez mais harmónicas entre si e os fluidos dos espíritos, e os laços de mútua simpatia mais se estreitam e robustecem, esse número poderá ser aumentado, *gradualmente*, até ao máximo indicado, mas sem que, evidentemente, seja forçoso atingi-lo.

As sessões muito numerosas, sobre tudo aquelas a que é hábito chamar-se *sessões públicas*, devem ser banidas por completo, porque os resultados ali obtidos só *excepcionalmente* passam da banalidade, embora num exame superficial possam parecer muito bons.

Dê-se o experimentador inteligente ao trabalho de analisar, com cuidado, certas comunicações, escritas ou faladas, que são transmitidas nessas sessões, e verá que não passam, a esmagadora maioria das vezes, de palavras alinhadas com mais ou menos elegância, mas sempre as mesmas, traduzindo sem brilho nem originalidade, ideias que são verdadeiros «lugares comuns» e que qualquer pessoa medianamente instruída seria capaz de reproduzir sem dificuldade.

São, afinal, como refere Léon Denis, «comu-

(1) Não nos deixemos iludir pela expressão «sobretudo no começo das experiências», que deve ser ligada, não com a frase que se refere ao número máximo de assistentes, mas sim com a recomendação de serem «quanto possível sempre as mesmas as pessoas de um e outro sexo». Nem outra interpretação seia razoável.

nicações destituídas de interêsse científico e constando de repisadas exortações morais».

Faltando nessas reuniões muito numerosas, como não pode deixar de faltar, a indispensável homogeneidade de pensamentos, sincero desejo de progresso espiritual e um grande e profundo amor ao Bem e à Verdade, não é de admirar que os resultados sejam deficientes, cheios de incoerências e mistificações.

Se a estes defeitos juntarmos a falta de preparação, a frivolidade, a incredulidade hostil e a má-fé por parte de alguns assistentes, teremos o somatório dos escolhos que encontra o experimentador que não tem o cuidado de seleccionar e limitar a assistência nos trabalhos que dirige.

Nem sequer sob o ponto de vista da propaganda do Espiritismo as chamadas sessões públicas são defensáveis. Aparte a circunstância, quasi certa, de os resultados serem insignificantes ou nulos, o incrédulo sai dali tão incrédulo como tinha entrado, pois, se teve a sorte de presenciar trabalhos regulares, atribue-os a fraude do médium ou do director da sessão; se, pelo

contrário, apenas ouviu as «repisadas exortações morais», fica a fazer bem fraco juízo do que é o Espiritismo e desinteressa-se, definitivamente.

* * *

Temos, portanto, que a experimentação se deve fazer, especialmente, em grupos pouco numerosos, nos chamados Grupos Familiares, e que só *excepcionalmente*, quando se disponha de médiuns dotados de superiores qualidades, as sessões poderão ser efectuadas com maior número de assistentes, mas ainda assim nunca deverão ser *públicas* nem ter o carácter de regularidade.

De acôrdo com o que fica exposto, e apoiado nas opiniões dos Mestres, o Centro Espiritualista «LUZ e AMOR» vai procurar abrir, entre nós, uma nova era nas sessões de Espiritismo experimental, estimulando a criação de Grupos Familiares, aos quais dará a indispensável assistência técnica, imprimindo às sessões o carácter de seriedade e elevação necessárias à consecução de resultados que prestigiem a Doutrina e imponham o Ideal Espirita ao respeito e consideração de todos.

AS MANIFESTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA

pelo DR. ALEXIS CARREL

E' o carácter do meio psicológico que, em grande parte, determina o número, a qualidade e a intensidade das manifestações da consciência de cada indivíduo. Se esse meio é demasiado pobre, a inteligência e o senso moral não se desenvolvem. Se é mau, essas actividades tornam-se viciosas. Estamos imersos no meio social, tal como as células do corpo no meio interior. Como elas, não podemos furtar-nos à influência do que nos rodeia. O corpo protege-se melhor do mundo cósmico, do que a consciência se protege do mundo psicológico. Aquele, defende-se das incursões dos agentes físicos e químicos, graças à pele e à mucosa intestinal; a consciência, pelo contrário, tem fronteiras completamente abertas e está exposta a todas as incursões intelectuais e espirituais do meio social. Segundo a natureza dessas incursões, desenvolver-se-á, normal ou defeituosamente.

A inteligência de cada um depende, em grande parte, da educação recebida, do meio em que vive, da sua disciplina interior e das ideias correntes na época e no grupo de que faz parte. Forma-se pelo estudo metódico das humanidades

e das ciências, pelos hábitos lógicos do pensamento, pelo emprêgo da linguagem matemática. Os professores primários e universitários, as bibliotecas e os laboratórios, os livros e as revistas, bastam ao desenvolvimento do espírito. Mesmo, na falta de professores, os livros podem bastar: é possível viver num meio social pouco inteligente e possuir uma elevada cultura. A formação do espírito é, em suma, fácil. O mesmo não acontece com a formação das actividades morais, estéticas e religiosas; a influência do meio sobre estes aspectos da consciência, é muito mais subtil. Não é assistindo a um curso, que se aprende a distinguir o bem do mal, o feio do belo. A moral, a arte e a religião não se ensinam como a gramática, a matemática e a história. Compreender e sentir, são duas coisas profundamente diferentes. O ensino formal nunca atinge, senão a inteligência. Não é possível aprender o significado da moral, da arte e da mística, senão nos meios em que estas coisas estão presentes e fazem parte da vida cotidiana de cada um.

(De «O Homem, Esse Desconhecido»)

Crônica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A acção social do espiritismo

A Associação Espirita «Obreiros do Bem», do Rio de Janeiro, conta, apenas, seis anos de existência. O seu fim é a criação e manutenção de um hospital espirita, para doentes, em geral, e psicópatas, em particular. Em 1937, tinha 943 sócios. Actualmente, tem 1.600.

Desde 1935 que mantém, permanentemente, um ambulatório médico, com três consultórios devidamente instalados, onde se atendem, não só os sócios da colectividade, como tódas as pessoas doentes que queiram utilizar-se daqueles serviços.

Há pouco, inaugurou um gabinete odontológico.

Nos consultórios e no gabinete prestam serviço gratuito seis médicos (um homeópata) e dois cirurgiões dentistas.

Em 1937, atenderam-se 1.028 doentes. No primeiro semestre de 1939, 2.859.

Além disto, a Associação mantém um posto de distribuição gratuita de medicamentos. Em 1937, distribuiu 436 medicamentos e 1.228 no primeiro semestre de 1939.

Há pouco, o grande benemérito e nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa doou-lhe um prédio magnífico, à rua Alexandrina, 181, onde se instalará provisoriamente, o Hospital Espirita.

É caso para dizer que o homem põe e Deus dispõe.

Agora, esta associação deu começo à nova campanha pró Hospital Espirita, cheia de esperança no futuro. E verá os seus trabalhos coroados de êxito. Por que é justo e é humano.

Esforçados pioneiros da «Obreiros do Bem»! Que Deus vos proteja, permitindo a realização dessa obra filantrópica, que tanto honra a doutrina espirita! Que Deus vos proteja!

O espiritismo cura!

Do aluvião de jornais brasileiros que mão amiga nos enviou, a-propósito da campanha da Sociedade de Medicina e Cirurgia, accionada pelo médico Carlos Fernandes, extraímos uma notícia de-veras curiosa. O quintanista de Direito, sr. Piriades Orestes de Aguiar, morador na Avenida Paulo de Frontin, 742, Rio de Janeiro, procurou um redactor do *Diário da Noite*, a-fim-de narrar o seu «caso» pessoal, como expansão do seu agradecimento ao Espiritismo e em protesto contra a campanha acima referida.

— Posso afirmar por experiência própria —

começou Piriades Orestes — que, ao contrário do que apregoam certos médicos, o Espiritismo não é uma fábrica de loucos. Por mim, só depois de abandonar a medicina e me aproximar do Espiritismo é que vim a conseguir a minha cura.

«Foi em 1928. O excesso de trabalho produziu-me desarranjo nervoso, comum às pessoas que se entregam a excessiva actividade mental. Meu pai, o dr. Raimundo Orestes de Aguiar, que também pode esclarecer o caso, receando maiores conseqüências do mal em início, solicitou os cuidados do ilustrado professor Antônio Austregesilo. Este lavrou a sentença, ou diagnóstico, que guardo, até hoje, comigo. Foi a seguinte:

— «Psicose maníaco-depressiva. Incurável».

«Para tratamento, internaram-me no Pavilhão Pernanbuco Filho, no Sanatório Botafogo. Piorei, o que ali acontece sempre. Os enfermeiros, homens pouco pacientes e sem vocação para cuidar de doentes nervosos, representam um fracasso técnico e destroem os efeitos da terapêutica já deficiente.

«Dentro de pouco, atacado por profunda anesia, fui entregue aos cuidados do dr. Faustino Esposel. Como o meu «caso» era considerado «incurável», pouco ou nada se cogitava da terapêutica. E assim permaneci no Sanatório Botafogo até o ano de 1933.

«Meu pai não se conformava. Recorreu a tudo, até que, a conselho de amigos, procurou um dia o dr. Castro Meneses, presidente do Centro Espirita São Geraldo, no Cubango, Fonseca, em Niterói, e cujos processos de cura, puramente psíquicos, em casos idênticos, segundo diziam a meu pai, tinham obtido resultados positivos. Foi esta a minha salvação! Entregue aos cuidados daquele facultativo e espirita, depressa me restabelecia. Não fôsse êle, com o Espiritismo, e, provavelmente, ainda estaria no Sanatório Botafogo, segregado da sociedade, condenado pela medicina, como presa de psicose sem cura!

E conclue:

— Eis, por que procuro o *Diário da Noite*, para que êle seja o porta-voz do meu reconhecimento ao Espiritismo e do meu protesto contra o procedimento de médicos que procuram, sem mais investigações, destruir uma doutrina que nenhum mal pode causar a quem quer que seja.

O jornalista ouviu, depois, o sr. Ascendino Pereira Ramos, morador na rua Alberto Melo, 2, em Novo Iguassú:

— A propósito da afirmação médica de que o Espiritismo só faz loucos e não cura ninguém, quero referir o que se passou com o meu cunhado Adolfo Moreira de Melo, residente na rua dr. Thibau, 80, em Nova Iguaçu.

«Há 20 anos que sofria de ataques chamados epiléticos, chegando a ter cinco crises por dia. Sempre tratando-se com os médicos, nenhum resultado alcançava.

«Adolfo, como todos da sua família, é católico; mas, a meu conselho, começou a frequentar o Centro Espirita, Fé, Esperança e Caridade, na cidade aludida, e prestes ficou curado.

«Já lá vão quatro anos e continua bom de saúde.

«Os médicos, dirão, agora, que não era epilepsia e por isso é que Adolfo se curou no Espiritismo. Mas, mesmo não sendo, a medicina não conseguira curá-lo. A doença era uma obsessão, fenómeno que a psiquiatria académica desconhece e, desconhecendo, não pode tratar».

O espiritismo regenera!

Há tempos, a *Zeitschrift für Seelenleben* referiu-se à auto-biografia do general alemão von Bernhardt, homem positivo e dominado pela psicose da guerra. Desempenhou grande papel na conflagração europeia de 1914 e estava convencido, como, de resto, a maioria dos militares germânicos, de que na guerra é que se desenvolviam as grandes virtudes do homem.

Mas, um dia, o nosso general sentiu-se atraído para as investigações psíquicas, não por convicção, é claro, pois simplesmente desejava saber o que havia de verdadeiro no supranormal. Como homem decidido que era, arranjou logo um gabinete escuro no seu quarto. Depois, chamou um amigo de confiança e ei-lo a experimentar, auxiliado por jovem médium, que lhe desfaria as ideias belicistas, modificando-lhe, por completo, a maneira de ser.

Foi para a sessão. O médium sofreu tratos de polé. Após a inspecção a que foi sujeito, viu-se amarrado com cordas a uma cadeira, os nós selados e colocado no gabinete. Aqui, havia, apenas, uma varinha luminosa e uma campainha.

O mais curioso é que a campainha tocava de várias partes do gabinete e a varinha aproximou-se de von Bernhardt, atravessando os cortinados sem os romper (a matéria atravessa a matéria). A pedido do general, apareceram mãos ectoplásmicas, que foram vistas ao mesmo tempo que o médium, nessa altura, em profundo transe. Para rematar, partiu-se a cadeira do médium e este foi levantado do soalho, em estado de inconsciência.

Ainda houve outros fenómenos, segundo reza a autobiografia e que deixaram os dois amigos absolutamente satisfeitos. Quanto ao general, ele próprio confessa que abandonou as velhas ideias acerca da necessidade da guerra, tornando-se, na reforma em que se encontra, um homem bem diferente do que era.

Regenera, ou não regenera, o Espiritismo? Regenera, sim, senhores, regenera. Ninguém

passa em vão por esta doutrina sublime. Todos levam o seu quinhão de conhecimento e de evolução moral, razão porque é necessário dar-lhe tódia a expansão possível, levando-a aos mais ignorados recantos do mundo.

Quem se não há de regenerar, se o general alemão foi regenerado, êle, que era émulo de Ludendorff, que preconizava a guerra, como elemento de progresso espiritual?

Estudai, pois, o Espiritismo, no vosso próprio interesse. O Espiritismo vos dará a certeza da sobrevivência da alma humana.

Hitler e o ocultismo

The Occult Review publicou há tempos um artigo acerca de Hitler e o ocultismo (*Revue Spirite*, pág. 300), em que afirma que o ditador alemão só toma resoluções, depois de consultar os astrólogos. Erik Jan Hanussen foi um dos seus médiuns favoritos. Um dia, porém, teve que lhe dizer coisas desagradáveis e desapareceu da cena da vida, em circunstâncias misteriosas que deixam entrever a mão dum assassino. A sessão realizou-se em Berchtesgaden.

— Atingireis indiscutível apogeu — declarou êle ao «Führer» — ; mas, quando julgardes ter dominado a Europa, caíreis... caíreis... morrereis de morte violenta, lá para fim de 1939.

A sessão foi, bruscamente, interrompida. O secretário do chanceler voltou a Berlim. Quanto ao médium, foi prêso, um mês depois, pelas tropas de assalto e acusado de haver trocado os papéis (Hanussen era judeu da Boémia, onde usava o nome de Hermann Steinschneider). Alguns dias mais tarde, o seu corpo foi encontrado, crivado de balas, num bosque próximo de Berlim.

A *Revue Spirite*, que nos serve de base a esta notícia, regista as frequentes contradições dos astrólogos e clarividentes, no julgamento acerca dos ditadores e declara haver uma literatura sensacional e mercantil com o fim de interessar os ingênuos nas «missas negras» de Hitler e nas suas práticas de «magia negra».

Concordamos com a *Revue* e a sua dúvida, no tocante à capacidade dos astrólogos e à veracidade dos artigos proféticos da imprensa inglesa.

PENSAMENTOS

Manifestação quer dizer acção. Para se chegar ao equilíbrio perfeito — que, para mim, é vida pura, ser puro — ninguém pode retirar-se do mundo da manifestação.

Krishnamurti

Perdido no meio da noite, eu só tenho uma pequenina lanterna (a minha razão), para me guiar. Sobrevém um desconhecido que me diz: «Apaga a tua lanterna para veres melhor». Esse desconhecido é o teólogo.

Willardot

Set/out - 39

20 ESPIRITISMO MERECE CONDENAÇÃO?

pelo Dr. A. Pratas

TEM vindo, há algum tempo, a mover-se no Brasil uma campanha tão improcedente contra o Espiritismo, que nos parece dever merecer os reparos de todos aqueles que pela evolução desta ciência moralizadora se interessam.

Levanta presentemente essa campanha a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio que, insurgindo-se contra a *Hora Radiofônica Espirita*, pretende obter do Governo a proibição da propaganda espírita.

Dois são os pontos que a S. M. C. R. particularmente foca com o fim de conseguir o amordaçamento de todos aqueles que, perfilhando êsse nobre ideal, vêm no espírito o elemento essencial do homem, e que por isso apregoam com firmeza que, tanto no estado de saúde como no de doença, depende mais do espírito a matéria corporal do que aquele desta, e que, como consequência, há doenças contra as quais a medicina oficial se confessa impotente, mas que podem obedecer aos processos de que a terapêutica espiritualista se utiliza.

As duas alegações da S. M. C. R. contra o Espiritismo são as seguintes:

1.^a — O que classificam de exercício ilegal da medicina;

2.^a — A velha e revelha e tão debatida atoar-da, — de que o *Espiritismo seja uma fábrica de loucos*—.

Examinemo-las, separadamente:

Se o tratamento de doentes pelas práticas espíritas é ilegal, ilegal será também o que se passa nos santuários, como Lourdes e Fátima, onde freqüentemente se conseguem curas que, embora com rótulo diferente, obedecem ao mesmo princípio. E se, aos que se dedicam a essas práticas de ordem psíquica, adicionarmos o incontável número dos que, — como todos podem e têm verificado —, oferecem receitas verbais ou escritas a quem quere que se lhes queixe de qualquer perturbação da saúde, por mais grave que seja, chegaremos à conclusão de condenar a quási tota-

lidade dos componentes de tôdas as classes,— com excepção da classe médica—, por uso ilegal da Medicina.

Há, porém, a tal respeito, uma diferença capital: — é que, emquanto a maioria, ou seja o último grupo de terapeutas, cultos e não cultos, letrados e analfabetos, receita inconscientemente, e por via de regra, com grave prejuízo para os que lhe dão ouvidos, procedem os adeptos do Espiritismo, — quando dotados de tal dom —, com plena consciência do que fazem, pois que, conhecendo as altas potências da alma, as dinamizam por forma a vencerem as fraquezas ou deficiências da carne ou do espírito do doente, assim conseguindo as curas que os factos registam e que por idêntico mecanismo se produzem também nos santuários a que já nos referimos.

Se, pois, pelas práticas espíritas, se consegue a cura de muitos doentes, numa grande maioria desiludidos, já, de se restabelecerem pelos múltiplos e complexos métodos da terapêutica oficial, com que direito se pretenderá interditar o Espiritismo, impedindo a humanidade de se refugiar nêle, como último recurso para aliviar os seus males, recuperar a saúde e com ela a alegria própria e dos seus?

Se o principal fim da medicina é curar, recorrendo para isso a tudo quanto a natureza, pela mão e pela vontade de Deus, lhe proporciona, não nos parece muito inocente nem meritório que à sua utilização se oponham precisamente alguns daqueles a quem fôra confiado um diploma com a única finalidade de defender a saúde da humanidade.

Quanto à segunda alegação, de que o Espiritismo produz a loucura, só poderemos justificá-la com a ignorância de quem a apresenta ou com o espírito de malsinação de quem queira caluniá-lo. Com efeito, — provam-no os factos —, é tão falsa essa acusação, de que o Espiritismo gera loucos, como é verdadeiro que, muito pelo contrário, em certos casos, os cura.

Para de tal forma o caluniarem, permitem-se os seus adversários basear-se em falsas estatísticas, propositadamente fundamentadas no número de espiritas loucos, intencionalmente descurando fazer também a contagem dos que, nos manicômios e fora deles, se encontram que, não sendo espiritas, perfilham crenças as mais variadas. De resto, se há espiritas loucos, assim como os há em todos os ramos das ciências e em todas as confissões religiosas, não significa isso que todos eles o sejam, como consequência de perfilharem esta ou aquela crença; e, mesmo que assim fôsse, ainda seria o Espiritismo o mais favorecido, como poderá ser verificado por quem, de boa fé, queira entregar-se a esse trabalho de investigação.

Mas afirmamos nós que o Espiritismo, em vez de gerar loucos, os cura em certas circunstâncias, quais são os casos em que a loucura não depende dum desarranjo de ordem física, mas sim de influências puramente espirituais. Quando se apresentem casos desta ordem, nada poderá conseguir o materialismo da Ciência oficial, cabendo apenas esse poder às forças espirituais de que o Espiritismo, entre outros credos espiritualistas, se utiliza.

Patenteia-nos a Bíblia inúmeros casos, pertencentes a vários ramos da patologia, como sejam cegos, surdos, mudos, paráliticos, lunáticos, etc., que, não passando de obsessos ou possessos, só são curáveis, — quando o seu Karma o permita —, por processos de ordem puramente espiritual. O Espírito ou Espíritos obsessores ou possessos não obedecem a drogas, mas convencem-se pela doutrinação ou afastam-se perante o poder doutro Espírito, encarnado ou desencarnado, que, pela sua moral superior, sobre eles tenha uma ascendência bem definida. Foi assim que Jesus e os Apóstolos curaram; é assim que o Espiritismo cura, como é assim, também, pela evocação de Espíritos superiores, feita com viva fé, que se efectuem as curas que nos santuários se registam.

Se, pois, perante tão numerosos casos de doenças contra as quais a medicina oficial é impotente, a humanidade pode beneficiar das práticas espirituais, com que direito poderá ou deverá o Espiritismo ser condenado? Será porventura criminoso e, portanto, ilegal, qualquer gesto de caridade?

E não será caridade aliviar desinteressadamente os que sofrem, curando aqueles que disso necessitam?

Qual será, pois, o dever dum médico que an-

teponha aos seus interesses a altruística missão que se lhe impõe de velar pela saúde dos que nele confiam? Será abandonar o doente que não possa curar, ou utilizar todos os meios que se lhe deparem para se conseguir o fim em vista?

— Cristo, Redentor nosso, se tivéssemos a ventura de assistir ao Vosso advento, por certo nos seria imposta a amargura de assistir à Vossa condenação, por não julgardes necessário diplomarde-vos na Ciência de Esculápio!...

A CONFISSÃO DE RICHET

Crookes tinha, então, 37 anos. Estava no vigor da vida e da inteligência. Descobriu o *thallium* (1863) e prosseguiu investigações frutíferas acerca da espectroscopia, da astronomia, da meteorologia. Era director do *Chemical News* e do *Quarterly Journal of Science*.

Depois, resolveu estudar as propriedades extraordinárias de Home. De 1869 a 1872, publica memórias notáveis pela precisão da linguagem e severidade da experimentação, contrastando com o estilo habitual das publicações espiritas. Era a chegada do período do *Espiritismo*. — «Eu não digo que os fenómenos são possíveis — exclamava Crookes — digo que são reais».

Mas o respeito pela ideias habituais era tão idôlatrico, que ninguém se dava ao trabalho de estudar, nem de refutar os fenómenos. Limitavam-se a rir, e eu confesso, para minha grande vergonha, que fazia parte dos cegos voluntários. Sim! Eu ria, em vez de admirar o heroísmo do grande sábio, que ousava dizer, em 1872, que há fantasmas, que se pode ouvir bater o coração deles e até fotografá-los (*Dr. Carlos Richet* «*Traité de Métapsychie*», pág. 35 e 36).

TER OPINIÃO

Será honesto ter opinião e não ousar manifestá-la, lá porque pareça estar em desacôrdo com a maioria dos seus contemporâneos? Mas, se os homens tivessem a coragem de exprimir, lealmente, as suas convicções íntimas, ver-se-ia, com espanto, o número considerável dos que creem na sobrevivência, nas vidas sucessivas e na possibilidade que têm os mortos de poder, em certos casos, comunicar com vivos. Nessa altura, só os não-espiritas teriam vergonha da sua opinião e não ousariam confessar a sua incredulidade.

(*Henri Regnault* — «*Tu revivras*», pág. 297)

DESENCARNOU O DR. RODRIGO SANZ

Grande cerebriedade peninsular e redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Espanha.

Mal diria o Doutor Rodrigo Sanz que a publicação do seu primeiro artigo nesta revista coincidiria com a notícia da sua desencarnação. Razão tinha o nosso amigo D. Elias López em insistir pela nossa ida à Galiza, a fim de abraçar o Mestre, depauperado por feroz doença, que lhe ia minando, dia a dia, as abaladas forças. Razão tinha êle, e de sobra, por lhe conhecer a impossibilidade de resistir a tão grandes provações. Mas a dificuldade de atravessar a fronteira, ainda impregnada do fumo da pólvora, proveniente da guerra civil espanhola, atrasava-nos a viagem há muito projectada e não nos era dado aceder ao fraternal convite do confrade ferrolense.

Após o movimento nacionalista, chefiado pelo general Franço, D. Rodrigo Sanz regressava ao Ferrol, sua terra natal onde passava grande parte do ano. Os crimes perpetrados no decorrer da guerra fraticida deprimiram-lhe o moral. Sofreu profundamente. Homem equilibrado e são, não podia assistir sem revolta aos crimes e prepotências da escumalha, que aproveitava todos os ensejos para cevar o ódio em vítimas inocentes.

Há coisa de dois anos, começou a suportar a doença que agora o arrebatou da face da terra.

A última carta que nos escreveu deixava transparecer a esperança. As melhores acentuavam-se. Conseguiu abandonar o leito. O velho paladino escreveu, então, uma série de artigos, o primeiro dos quais vai publicado noutro lugar. E prometia mais colaboração, ignorante do seu estado físico, cada vez mais débil, mais insustentável... O roble estava sendo agitado pelas intempéries. Era chegada a sua hora...

Há cêrca de quatro meses recebemos carta de D. Elias López, íntimo amigo do Mestre D. Rodrigo. Este tinha ido a Madrid, a tratar de assuntos particulares, principalmente para saber como se encontravam os seus assuntos, depois dos bombardeamentos e do saque, a que a capital espanhola esteve exposta.

Chegou lá e verificou, com profunda máguia, que tudo lhe haviam arrebatado, inclusive treze grandes pastas com inéditos acerca de ciências naturais, matemáticas, filosofia, literatura, gramática, etc., obra vultosa de quarenta e cinco anos de porfiado estudo e que desejava legar à sua querida pátria e ao seu vizinho Portugal, por intermédio do director desta revista. Pode-se avaliar a dor suprema do cavouqueiro de Minerva, quando deu pela falta deste património. Quarenta e cinco anos, uma vida inteira, consagrada à investigação científica e à meditação das coisas do espírito!



DOUTOR RODRIGO SANZ

Os seus haveres, depositados numa casa bancária, haviam sido pilhados.

Voltou ao Ferrol, num automóvel, por estradas esburacadas. Os solavancos sofridos reavivaram a doença que o iria prostrar, dentro de poucos dias. Ao chegar a Batanzos, teve o primeiro ataque de ciática que o deprimiu horrivelmente. Pouco depois, sofria a amputação da perna direita. O seu estado era cada vez pior. Delirava.

Em 26 de Agosto sua irmã notou que D. Rodrigo escrevia sobre a manta que o cobria e pensou:

— Meus Deus! Rodrigo tem trabalhado tanto, durante toda a sua vida, tanto escrevia e lia, que agora está a delirar e escreve. Que será?

E viu que, cessando os movimentos, lhe dizia adeus, com a mão descarnada e pálida, cruzando os braços sobre o peito — cruz que tanto amou — e fechou os olhos para sempre...

Estudos Psíquicos tinha em D. Rodrigo Sanz um grande colaborador e amigo. Por isso, não podia deixar de lhe prestar esta singela homenagem, certos, como estamos, de que o seu espírito está connosco e tudo fará para completar a obra que nos prometeu, em vida física. Já deu o primeiro sinal: «Falarei». E êle nunca faltou à sua palavra.

Elevemos um pensamento amigo à imagem do Mestre ferrolense. Êle saberá agradecer e retribuir, como alma gentil que sempre foi.

NOTICIÁRIO

Centro E. Luz e Amor

O Centro Espiritualista Luz e Amor encontra-se novamente, em actividade, saudando, por tal motivo, todos os seus associados, que tão dedicadamente lhe têm prestado o seu concurso. Saúde, igualmente, os confrades portugueses e estrangeiros, em especial aqueles que, na grande república brasileira, empunham o pendão do Espiritismo evangélico, enchendo seus fastos de exemplos magníficos de caridade e altruísmo. A todos deseja muita felicidade e paz espiritual, visto que, doutro modo, impossível será realizar a obra que se prepara, com a aprovação dos Mensageiros do Alto, que não cessam de velar pela união de todos os valores efectivos, com os quais se deverá contar, em benefício da Causa que se defende.

A-pesar-de ter iniciado há quatro meses os trabalhos de reorganização, é consolador verificar o grande número de inscrições que têm chegado ao Centro, as quais prestes atingirão duas centenas, muitas tendo sido, também, as cartas recebidas de todos os pontos do país, a pedir informações e a cujas cartas se tem respondido, com a maior brevidade possível.

Também se têm oferecido vários médiuns, que serão, oportunamente, submetidos a experiências, dentro das normas seguidas pela Comissão Técnica.

Está quasi concluído o Regulamento dos Grupos Espiritas Familiares, que funcionarão em casa dos sócios que o solicitem e serão compostos por indivíduos que tenham entre si evidente afinidade espiritual.

Eis a lista dos Corpos gerentes do Centro para o triénio 1939 a 1941:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Sebastião Elviro Martins; Vice-Presidente: João José Alves, guarda livros; 1.º secretário: Custódio Rodrigues, sargento enfermeiro; 2.º secretário: António Alexandre, sargento de marinha. **Conselho Fiscal** — Presidente: Manuel Tavares, 1.º official dos Correios e Telégrafos; Secretário: António Castanheira de Moura, gerente comercial; Rufino A. Lopes Bragança, official do exército, reformado. **Direcção** — Presidente: Isidoro Duarte Santos, official da armada; Vice-Presidente: Dr. José Joaquim Gaita, official do exército e advogado; Secretário Geral: Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa, advogado; 1.º Secretário: José Augusto Gonçalves, official da armada; Vogais: Dr.ª Clementina Dinne Rosado, engenheiro agrónomo, D. Maria Gonçalves Duarte Santos e D. Maria Ivone de Abreu.

Inauguração dos trabalhos do Centro

Com a maior satisfação, comunicamos aos nossos prezados consócios que a inauguração dos

trabalhos do Centro E. Luz e Amor se efectuará às 21 horas do primeiro domingo de Novembro (dia 5), na sede da Sociedade Teosófica, Rua Passos Manuel, n.º 20, cave, esquerdo, amavelmente cedida por aquela agremiação, à qual nos prendem, não só afinidades ideológicas, como, também, laços de profunda simpatia. Enquanto não dispusermos de sede própria, suficientemente centralizada, para que todos possam, sem grande esforço, assistir às sessões experimentais e culturais, tôdas as nossas conferências e palestras ali serão realizadas.

Os trabalhos inaugurais constarão duma exposição feita pelo Presidente da Direcção, acerca do programa do Centro, e de uma conferência, intitulada «A Psicologia Experimental», a cargo do Dr. António Lôbo Vitela, figura de grande projecção mental e notório relêvo no meio espirita português.

A Sociedade Teosófica apresentamos os nossos protestos de estima, desejando-lhe as maiores prosperidades.

ECOS DO BRASIL

O *Reformador* de Agosto último inseriu a carta que o nosso Centro enviou à Federação Espirita Brasileira, acompanhando-a das seguintes palavras, que muito nos sensibilizam:

“Havendo atendido de pronto ao pedido concernente ao *Reformador*, aos folhetos e às obras, só nos resta retribuir aqui, em nome da Federação, as saudações fraterníssimas do “Luz e Amor”, saudando-o não menos cordialmente, no desejo ardente de que a luz do céu desça, constante e copiosa, sobre os seus componentes e dirigentes, a lhes fecundar nos corações a semente do amor cristão, fonte perene de todas as energias nece sárias à realização das grandes obras verdadeiramente espiritas. E a êsse saúdar juntamos as mais sinceras congratulações pela sua reorganização, para volver à actividade em prol do ideal que nos é comum, actividade que auguramos será largamente fecunda em a nova fase de existência que se lhe iniciou”.

Ao *Reformador* e à F. E. B., casa máter do Espiritismo no Brasil, agradecemos os folhetos remetidos e as boas palavras transcritas, com o nosso profundo reconhecimento.

OS QUE NOS DEIXAM

Desencarnou no dia 16 de Outubro corrente o consócio sr. Comandante Pedro Ferreira Dias de Sousa, pai do nosso Editor, a quem apresentamos a nossa solidariedade, no transe que suportou. Que os Guias do Centro tomem à sua guarda o Espírito libertado e lhe facilitem a missão.